

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE
CURSO DE PSICOLOGIA

VIVIAN GUIDA LUCENA DE OLIVEIRA

O passageiro sombrio:
Análise de um *serial killer* sob a luz da Psicologia Analítica

Trabalho de conclusão de curso apresentado como exigência
parcial para graduação no curso de Psicologia, sob orientação
da professora Luisa de Oliveira

SÃO PAULO
2009

Non avrò paura di volare
(Não terei medo de voar)

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer, primeiramente, à minha orientadora Prof^a Luísa de Oliveira, pelo auxílio, paciência e dedicação, fundamentais para que eu obtivesse êxito em escrever este trabalho sobre o tema que, desde o início, fez “meus olhos brilharem”.

Aos amigos que fiz nos anos da graduação, em especial Andressa Aurichio Crema, Angélica dos Santos Alves, Daniela Schwartz, Dante Marino Malavazzi, Érica Whately Sundfeld, Ligia Damas Martos, Tauany Maldonado Orsi e Virna Milhomem Moraes Zanin: obrigada pela constante companhia e apoio, em todos os momentos que compartilhamos durante esses anos, oscilando entre completa angústia até extrema felicidade.

Aos meus pais, Maria Rita Guida Lucena de Oliveira e Valdecir Lucena de Oliveira, por terem sempre apoiado meu interesse pela psicologia e, principalmente, por passarem inúmeras horas, desde a minha adolescência, assistindo programas sangrentos e sombrios em minha companhia.

Ao meu irmão, Vinícius Giuseppe Guida Lucena de Oliveira, por estar ao meu lado durante a viagem, até então, mais significativa da minha vida. Acredito que esta vivência me ajudou a olhar para mim mesma, me auxiliando a caminhar em direção à minha verdadeira essência.

À minha psicóloga, Lilian Garcia de Paula, pela delicadeza com que lida comigo desde o início de nossa relação. Obrigada por me ajudar a recolher os pedaços, todas as vezes que pensei em desistir de algo. Obrigada por me fazer refletir a respeito das situações e ver sempre “o outro lado da moeda”. Obrigada por me fazer perceber quem eu realmente sou, e do que realmente gosto.

Por fim, agradeço a toda minha família, em especial vó Dira (*in memoriam*), *nonno* e *nonna*: obrigada por todos os ensinamentos e vivências que, certamente, colaboraram para que eu conseguisse chegar até aqui.

Vivian Guida Lucena de Oliveira. *O passageiro sombrio: Análise de um serial killer sob a luz da Psicologia Analítica*. 2009.

Orientadora: Luisa de Oliveira.

RESUMO

O objetivo do presente trabalho foi a análise simbólica do personagem Dexter, do seriado homônimo, criado em 2006. A série mostra a trajetória de um analista de manchas de sangue do Departamento de Polícia de Miami, que esconde um lado sombrio: ser um *serial killer* nas “horas vagas”, e é um fenômeno de audiência desde a sua estréia. Atualmente, está em sua quarta temporada, somando 44 episódios já veiculados pela TV americana. No Brasil, é transmitido pelo canal por assinatura *FX*. Para que a análise simbólica do personagem fosse feita, todos os episódios já veiculados pela TV americana foram assistidos e catalogados, de forma a se observar tanto a trama contida nos mesmos, quanto características do protagonista e demais personagens. Além disso, foi feito um levantamento acerca dos temas psicopatia e *serial killers*, com trabalhos de origem psiquiátrica e psicológica. Em seguida, os constructos teóricos da Psicologia Analítica que deram base à análise do protagonista da série escolhida foram apresentados: persona e sombra, e a concepção relativa à psicopatia advinda da linha analítica. O tema foi abordado tanto na dimensão pessoal do personagem quanto na cultural, de forma que a análise do protagonista serviu de base para que o crescente interesse do público por figuras sombrias fosse discutido.

Palavras-chave: Psicologia Analítica. Persona. Sombra. Psicopatia. Dexter. *Serial Killers*.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	6
2 MÉTODO E OBJETIVO.....	10
3 <i>SERIAL KILLERS</i> E PSICOPATIA	12
3.1 Psicopatia segundo a Psiquiatria	12
3.2 Psicopatia segundo a Psicologia Analítica	17
4 A EXPRESSÃO PSÍQUICA DO MAL	22
4.1 Persona.....	22
4.2 Sombra.....	25
5 DEXTER.....	29
5.1 O seriado.....	29
5.2 Impacto e características gerais do personagem	29
5.3 Descrição da história.....	30
5.3.1 Primeira temporada.....	30
5.3.2 Segunda temporada	31
5.3.3 Terceira temporada	33
5.3.4 Quarta temporada (em andamento)	34
5.4 Descrição das personagens	35
6 ANÁLISE DO PERSONAGEM	37
7 DISCUSSÃO	55
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS	58
REFERÊNCIAS.....	59

1 INTRODUÇÃO

O fascínio do público por personagens perversos, porém sedutores, movimentou os meios de comunicação ao redor do mundo. Inúmeros filmes e seriados do gênero são produzidos anualmente, fato que colabora para o crescimento constante do número de adeptos.

O sucesso que as obras do gênero alcançam pode ser explicado pelo mecanismo de projeção: através de uma representação simbólica do lado sombrio, nossos impulsos para o mal podem ser reconhecidos, encorajados, ou talvez aliviados, na segurança do livro ou da tela (ZWEIG E ABRAMS, 1998, p.19-20).

Em artigo da Revista Veja (2008), Marthe cita exemplos de personagens - presentes em seriados - com tais características, como Tony Soprano, de Família Soprano, Vic Mackey, de The Shield, e Dexter Morgan, de Dexter, e comenta a respeito da empatia dos telespectadores perante os mesmos, dizendo que “o público não sente ojeriza por esses personagens pelo fato de eles terem fraquezas humanas”.

No cenário literário e cinematográfico, o personagem Hannibal Lecter, criado pelo escritor americano Thomas Harris, merece destaque. Psiquiatra e *serial killer* conhecido por seus hábitos canibais, Hannibal foi votado pelo *American Film Institute*, em 2003, como o vilão mais memorável na história do cinema. Desde então, a demanda por histórias sobre *serial killers* só aumentou, resultando em filmes como *Seven – Os Sete Crimes Capitais*, *Jogos Mortais*, *Zodíaco*, *Monster – Desejo Assassino*, etc.

Porém, o interesse por *serial killers* não se limita ao público leigo. Desde a década de 50, muito se discute a respeito dos fenômenos denominados “assassinatos em série”; e muitas destas discussões giram em torno da definição do termo. Segundo Newton (2005), diversas definições foram divulgadas desde então, tais como a presente no Manual de Classificação de Crimes do FBI (*Federal Bureau of Investigation*), publicado em 1992, que define assassinato serial como “três ou mais eventos separados em três ou mais locais separados com um período de resfriamento emocional entre os

homicídios” e, em contrapartida, a publicada pelo NIJ (*National Institute of Justice*) em 1998, que considera como assassinato serial:

uma série de dois ou mais assassinatos, cometidos como eventos separados, normalmente, mas nem sempre, por um infrator atuando isolado. Os crimes podem ocorrer durante um período de tempo que varia desde horas até anos. Quase sempre o motivo é psicológico, e o comportamento do infrator e a evidência física observada nas cenas dos crimes refletirão nuances sádicas e sexuais. (NEWTON, 2005, p. 50)

A mudança da definição inicial do FBI, feita pelo NIJ, segundo Newton (2005), se deu, basicamente, por três motivos: a crítica de que a mesma não incluiria assassinos que aguardam um longo período de tempo para cometer seu segundo crime, estando na cadeia ou em liberdade; não classificaria como assassinos seriais aqueles que fizeram grande número ou mesmo todas as suas vítimas em uma mesma localidade; e por haver uma falha na definição de “período de resfriamento”, que pode abarcar dias, semanas, meses e, até mesmo, anos. No presente trabalho, a definição adotada será a do NIJ.

Além das discussões a respeito do termo em si, muito se discute sobre as motivações e os perfis dos assassinos seriais. Uma das ciências que se dedica ao estudo deste fenômeno é a Psiquiatria. No Brasil, Morana, Stone e Abdalla-Filho (2006), em seu trabalho sobre transtorno de personalidade, psicopatia e *serial killers*, citam um estudo conduzido por Stone (2001), que utilizou a escala PCL-R criada por Hare (e recentemente validada no país por Morana) para identificar a presença de psicopatia em *serial killers*.

Esta escala se constitui como um *checklist* de 20 itens, com pontuação de zero a dois para cada item (sendo zero – quando o item não pode ser aplicado ao indivíduo; um – quando há evidências suficientes para a aplicação parcial do item ao indivíduo; dois – quando o item pode ser totalmente aplicado ao indivíduo) totalizando 40 pontos. Um resultado acima de 30 pontos classificaria o indivíduo como um psicopata típico. Nesta escala, 20 elementos são abordados, entre eles: auto-estima inflada, tendência ao tédio, falta de empatia, impulsividade, entre outros.

A partir da aplicação da escala PCL-R, Stone (2001) classificou 86.5% dos *serial killers* estudados como psicopatas, sendo que um adicional de 9%

apresentavam traços psicopáticos, mas não o suficiente para serem incluídos no primeiro grupo.

Segundo o DSM-IV, psicopatia, sociopatia e transtorno de personalidade dissocial são sinônimos do chamado transtorno de personalidade anti-social. Os indivíduos portadores deste transtorno têm como característica essencial um padrão invasivo de desrespeito e violação dos direitos dos outros. O manual ainda define como característica dos indivíduos portadores do transtorno de personalidade anti-social a ausência de remorso, indicada por indiferença ou racionalização por ter ferido, maltratado ou roubado outra pessoa.

São, assim, indivíduos deficientes de empatia. A capacidade de entender o que os outros sentem, do ponto de vista intelectual, está preservada; porém, são incapazes de sentir como as pessoas “normais”. O psicopata, segundo Morana, Stone e Abdalla-Filho (2006), não possui a habilidade de se colocar na posição do outro, imaginar o que este está sentindo emocionalmente. Porém, os autores frisam que um psicopata não é ou necessariamente se tornará um *serial killer*.

Além da Psiquiatria, a Psicologia Analítica pode nos auxiliar na tentativa de compreender a psicopatia e os *serial killers* que possuem tal síndrome. Segundo Guggenbühl-Craig (1980), o psicopata tem como característica principal a invalidez de Eros, ou seja, não reconhece sua incompletude e, conseqüentemente, suas relações interpessoais são prejudicadas.

A ausência de Eros faz com que o psicopata não se sinta conectado ao resto da sociedade, levando-o a não possuir senso de moral ou ética. É egoísta, com pouca tolerância à frustração, e não apresenta sinais de culpa. Seu desenvolvimento psíquico é praticamente nulo, o que faz com que tais indivíduos pareçam estáticos no tempo: os anos passam e seus atos e características psicológicas continuam os mesmos.

O presente trabalho tem como objeto de investigação o personagem Dexter Morgan, protagonista da série americana “Dexter”, que retrata a vida do adorável *serial killer* que trabalha como analista de manchas de sangue no Departamento de Polícia de Miami.

Ao decorrer dos episódios, o telespectador é levado pelo protagonista (e sua voz off) a conhecer seu “submundo”: a necessidade de perseguir e matar assassinos que, por alguma razão, não foram devidamente condenados ou punidos pelo sistema judiciário. Os crimes cometidos por Dexter são exclusivamente voltados a criminosos – algo que muitas vezes leva o público ao equívoco de considerá-lo um justiceiro ou vigilante – alternativa criada pelo mesmo e seu pai adotivo, a fim de que pudesse encontrar uma válvula de escape para seus impulsos e, ao mesmo tempo, não fosse descoberto pela polícia em sua sórdida tarefa.

Além de conhecermos a faceta sombria de Dexter através da perspectiva do próprio personagem, podemos perceber seu esforço em estabelecer relações com o mundo a seu redor – ambiente de trabalho, relação familiar, relacionamento amoroso – de acordo com padrões que a sociedade julga serem mais adequados socialmente. Age desta forma a fim de misturar-se com os indivíduos considerados “normais”, e se passar por um deles.

Acredito que a identificação do público com o lado sombrio de Dexter (denominado pelo mesmo como “Passageiro das Trevas”) pode ser considerada como um dos motivos centrais pelos quais a série tornou-se um fenômeno de audiência. Outra característica presente em Dexter, e compartilhada por todos nós, é a máscara que este utiliza para relacionar-se com a sociedade, ajustando-se de modo a passar despercebido.

Através do personagem, o presente trabalho pretende investigar os seguintes temas a luz da Psicologia Analítica: psicopatia, persona e sombra.

2 MÉTODO E OBJETIVO

O ponto de partida para a realização do presente trabalho foi o levantamento bibliográfico acerca dos temas psicopatia e *serial killers*. Encontrei diversos estudos sobre os temas, principalmente na área psiquiátrica, os quais serão abordados no primeiro capítulo do presente trabalho. Além de obras com bases psiquiátricas, foram encontrados autores que se dedicam a tais temas também na Psicologia – e o presente trabalho mostrará a concepção que autores de referência na área da Psicologia Analítica têm acerca dos mesmos.

A partir da elaboração dos achados teóricos, planejei escolher dois casos verídicos que serviriam de objeto de estudo. Porém, percebi que encontraria pouco material sobre o histórico de vida de tais assassinos e, como consequência, a análise dos mesmos ficaria enviesada, já que eu não teria acesso direto a eles, mas sim a entrevistas/obras escritas por terceiros.

Após alguns meses envolvida no projeto do meu trabalho de conclusão de curso, durante as férias, deparei-me com o seriado Dexter e me encantei com o mesmo. Ao repensar meu problema de pesquisa, percebi que, no protagonista do seriado, estava meu objeto de estudo: um psicopata, *serial killer*, que, apesar disso, é muito querido pelo público.

Assim, o objetivo do presente trabalho foi a análise simbólica do personagem Dexter Morgan, baseando-se em conceitos da Psicologia Analítica. Para tal, o método utilizado foi o qualitativo. Segundo Penna (2004), na pesquisa qualitativa,

[...] Os fenômenos são considerados em função do contexto em que são investigados; tanto a objetividade quanto a subjetividade são consideradas, sendo que a intersubjetividade se configura como melhor posição possível do pesquisador diante do conhecimento e de seu objeto de investigação. [...] A produção de conhecimento científico, no contexto da pesquisa qualitativa, visa não apenas à descrição dos fenômenos, mas, principalmente, à compreensão e interpretação da realidade pesquisada. (p. 80-81)

Pretendi, através da análise do personagem, compreender aspectos como psicopatia, persona e sombra. Para tal, assisti aos 44 episódios

(divididos em 4 temporadas) da série lançados até o presente momento; elaborei sinopses dos mesmos, a fim de identificar o enredo principal de cada temporada, bem como suas histórias paralelas; e, finalmente, analisei os dados com base nas referências teóricas da Psicologia Analítica citadas anteriormente.

Os diálogos e falas do protagonista da série apresentados na análise foram numerados com três dígitos separados por um x, de forma que o número à esquerda indica a temporada em questão, e os números à direita indicam o episódio.

3 SERIAL KILLERS E PSICOPATIA

3.1 Psicopatia segundo a Psiquiatria

Segundo Henriques (2003), o uso do termo psicopatia na literatura psiquiátrica data do ano de 1891, quando Koch, psiquiatra alemão, lançou a obra *As Inferioridades Psicopáticas*. A palavra psicopatia, ao longo do século XIX, continuou a ser utilizada para designar qualquer doente mental, independente de qual fosse a natureza de seu sofrimento psíquico. Somente a partir da obra de Kraepelin, que descreve personalidades psicopáticas em 1904, o termo passou a se aproximar da concepção anti-social que conhecemos hoje. A consolidação do termo enquanto descrição de uma personalidade anti-social se deu através dos teóricos da psiquiatria anglo-saxônica moderna.

Na Psicologia, a partir da segunda metade do século XX, com a crescente influência da Fenomenologia e Psicanálise, deu-se o predomínio do uso do termo psicopatia associado ao anti-social, culminando no declínio dos demais usos do conceito.

Segundo Hare (1999), psiquiatra canadense, especialista em psicopatia e criador da escala PCL-R (*Psychopathy Checklist*), alguns pesquisadores, escritores e clínicos utilizam a termo sociopata como sinônimo de psicopata. O autor afirma que a escolha pelo primeiro termo se dá por prevenir que se confunda psicopatia com psicose ou insanidade, e que a visão acerca das origens e determinantes da síndrome é crucial na escolha: aqueles que defendem que esta é “inteiramente forjada por forças sociais e experiências precoces” (p.23, tradução nossa) escolhem o termo sociopatia; já os que acreditam que “fatores psicológicos, biológicos, e genéticos também contribuem para o desenvolvimento da síndrome” (p.23-24, tradução nossa), optam pelo termo psicopatia.

Quando tratamos de *serial killers*, somos levados a considerá-los como psicopatas. Isto se deve, em grande parte, ao uso do termo difundido pela mídia, que faz comentários como “este psicopata matou x pessoas”, ou “para cometer um ato como este, só pode ser um psicopata”.

Em um estudo a respeito de assassinos em série conduzido por Stone (*apud* Morana, Stone e Abdalla-Fillho, 2006), 86,5% dos *serial killers* entrevistados foram considerados psicopatas, e outros 9% apresentaram traços psicopáticos, mas não o suficiente para serem incluídos no primeiro grupo. Segundo Hare, em entrevista à Revista Veja (2009), 1% da população mundial preencheria os critérios para o diagnóstico de psicopatia. Porém, afirma que a presunção de que todos os psicopatas são *serial killers* iminentes é um erro, já que

nos Estados Unidos, haveria, então, cerca de 3 milhões de psicopatas. Se o número de *serial killers* em atividade naquele país for, como se acredita, de aproximadamente cinquenta, isso significa que a participação desses criminosos no universo de psicopatas é muito pequena (VEJA, 2009, p.17)

Assim, nota-se que o número de psicopatas existentes ao redor do mundo é muito maior do que o número de *serial killers*. Dessa forma, podemos conviver com psicopatas em nosso dia-a-dia sem sequer nos darmos conta.

Cleckley, em seu livro *The Mask of Sanity* (1988), defende que o psicopata na maioria das vezes mostra-se adequado ao convívio social, demonstrando aspectos de normalidade. Agrupa as características principais dos psicopatas nos seguintes itens:

- Charme superficial e boa inteligência;
- Ausência de delírios ou outros sinais de pensamento irracional;
- Ausência de “nervosismo” ou manifestações psiconeuróticas;
- Não confiabilidade;
- Falsidade e insinceridade;
- Falta de remorso ou pudor;
- Comportamento anti-social motivado inadequadamente;
- Julgamento pobre e falha em aprender através da experiência;
- Egocentrismo patológico e incapacidade de amar;
- Pobreza geral na maioria das reações afetivas;
- Específica perda de *insight*;
- Não responsividade nas relações interpessoais em geral;
- Comportamento pouco convidativo sob o efeito de bebidas ou não;
- Suicídio raramente consumado;
- Vida sexual impessoal, trivial e pouco integrada;
- Falha em seguir qualquer plano de vida (tradução nossa, p. 337-338)

Pode-se notar que, na descrição de psicopatia feita por Cleckley, são inclusos tanto aspectos psicológicos quanto comportamentos sociais desviantes. Para Hare (1999), esta é a diferença crucial entre psicopatia e o transtorno de personalidade anti-social, descrito no DSM-IV (1994):

A. Um padrão global de desrespeito e violação dos direitos alheios, que ocorre desde os 15 anos, indicado por, no mínimo, três dos seguintes critérios:

(1) incapacidade de adequar-se às normas sociais com relação a comportamentos lícitos, indicada pela execução repetida de atos que constituem motivo de detenção

(2) propensão para enganar, indicada por mentir repetidamente, usar nomes falsos ou ludibriar os outros para obter vantagens pessoais ou prazer

(3) impulsividade ou fracasso em fazer planos para o futuro

(4) irritabilidade e agressividade, indicadas por repetidas lutas corporais ou agressões físicas

(5) desrespeito irresponsável pela segurança própria ou alheia

(6) irresponsabilidade consistente, indicada por um repetido fracasso em manter um comportamento laboral consistente ou de honrar obrigações financeiras

(7) ausência de remorso, indicada por indiferença ou racionalização por ter ferido, maltratado ou roubado alguém

B. O indivíduo tem no mínimo 18 anos de idade.

C. Existem evidências de Transtorno da Conduta [caracterizado por “agressão a pessoas e animais”, “destruição de patrimônio”, “defraudação ou furto” e “sérias violações de regras”] com início antes dos 15 anos de idade.

D. A ocorrência do comportamento anti-social não se dá exclusivamente durante o curso de Esquizofrenia ou Episódio Maníaco. (DSM-IV, 2002, p.660)

O autor afirma que, mesmo sendo usado por muitos psiquiatras como sinônimo de psicopatia, o transtorno de personalidade anti-social é diagnosticado com base em uma longa lista de comportamentos criminais e anti-sociais, deixando de lado aspectos psicológicos, que seriam mais difíceis de serem acessados. Também afirma que a maioria dos criminosos se ajustaria aos critérios de diagnóstico para personalidade anti-social; já quando se fala de psicopatia, muitos criminosos não podem ser considerados como tais, e muitos indivíduos que conseguem manter-se longe de atritos com a lei e prisões, são psicopatas.

Um exemplo de criminosos que, na maioria das vezes, conseguem manter-se longe das prisões são os chamados “colarinhos brancos”. São assim

conhecidos por não utilizarem violência física em seus crimes: ludibriam suas vítimas por meio de um discurso sedutor e, com certo charme e voz suave, acabam ganhando a confiança daqueles que os cercam. Exemplos de crimes de colarinho branco são: desvio de dinheiro, fraude, sedução de pessoas (principalmente idosos) para fins financeiros, etc.

Não é de se surpreender que psicopatas tornem-se bons impostores, já que não hesitam em adotar diferentes papéis na sociedade na qual se encontram, utilizando-os para obter alguma vantagem sobre os outros, seja financeira ou emocionalmente.

O alvo preferido de tais criminosos são pessoas vulneráveis, que acreditam cegamente no lado bom dos seres humanos, ou estejam carentes de atenção e afeto. Os psicopatas parecem “sentir” tal vulnerabilidade, como se tivessem um radar interno, o que torna seu “trabalho” ainda mais sedutor – enganar, manipular e extorquir torna-se extremamente fácil. E, como não se relacionam com a mesma moral e ética que o resto da sociedade, pensam “... por que não?”. Em alguns casos, ainda culpam as vítimas quando são pegos, como no caso de Grambling (*apud* Hare, 1999) que, após ser preso por fraudar inúmeros bancos, afirmou que “qualquer um que fosse estúpido o bastante para confiar ou acreditar nele, merecia as conseqüências” (p.107, tradução nossa).

Outra característica dos crimes de colarinho branco (desvio de dinheiro, fraude, etc.) que atrai os psicopatas é a chance mínima de serem pegos; e, mesmo quando o são, as penalidades são muito menores do que se roubassem um banco à mão armada, o que faz este tipo de crime “compensar”. Além disso, por serem crimes cometidos contra propriedades, não são tão “mal vistos” pela sociedade quanto a violência contra pessoas, tais como estupros, espancamentos, etc.

As vítimas, após serem enganadas, questionam-se como puderam ser tão tolas. Porém, é necessário vislumbrar que todos somos vulneráveis, e que não são só os psicopatas que mentem e manipulam – estes só o fazem com maior frequência e facilidade. Hare (1999) afirma que o discurso dos mesmos é tão envolvente e peculiar que, mesmo sendo incongruente e ilógico, torna-se difícil detectar as discrepâncias. Isto porque somos atraídos não pelo conteúdo

de sua fala, mas sim pela maneira como aquilo é dito, e como o seu discurso nos afeta.

As palavras são utilizadas pelos psicopatas de forma inusitada, e estes são capazes de se contradizerem em uma mesma frase. Palavras que possuem significado emocional são proferidas por eles como se fossem algo totalmente neutro, como “cadeira” ou “avião”. Para eles, uma palavra é só uma palavra, já que não vivenciam experiências de cunho emocional como os demais. (HARE, 1999)

Hare (1999) acredita que o fator determinante principal que leva um psicopata jovem a optar por cometer crimes, seja de colarinho branco ou de caráter violento, está no ambiente em que este é criado. Sabe-se que características psicopáticas não surgem em um indivíduo de uma hora para a outra, quando jovem ou adulto; mesmo que muitos estudiosos se mostrem receosos em designar alguma criança como psicopata, é sabido que sinais de falta de empatia, capacidade de mentir repetitivamente e sem motivos, postura desafiadora perante figuras de autoridade, agressividade contra outras crianças e animais, entre outros, são já notados em crianças pequenas.

Por isso, por mais que até hoje ainda não se saiba com clareza quais são as causas e origens da psicopatia, pode-se supor que esta síndrome seja resultado da inter-relação entre fatores biológicos e ambientais. Um indivíduo com traços de personalidade psicopática que viva em uma família estável, com acesso à educação e meios de convívio sociais, pode tornar-se um criminoso de colarinho branco. Já um indivíduo que possui as mesmas características de personalidade, mas que vive em um ambiente onde é privado de tais vivências estáveis, tem maior probabilidade de se tornar um criminoso violento. A mistura destas forças, em seus diferentes graus, ajuda a determinar o porquê de certos indivíduos tornarem-se *serial killers* enquanto outros tornam-se criminosos “comuns”.

Quanto a possíveis intervenções, para serem bem sucedidas, devem ser feitas logo no início da infância, quando os primeiros traços de personalidade começam a emergir. É possível que haja a redução da agressividade e impulsividade se as crianças forem ensinadas a canalizá-las de forma mais socialmente adequada.

Na adolescência, juventude e vida adulta, as chances de mudar tais padrões de comportamento já instalados são mínimas. Diversos estilos de intervenções, tais como psicoterapia individual, psicoterapia grupal, psicanálise, psicodrama e uso de inúmeras drogas, se provaram ineficientes com relação ao tratamento da psicopatia. A chave para entender os motivos pelos quais isto ocorre é simples: os psicopatas não acham que haja algo de errado com eles ou com a forma como vivem. Assim, não vêem motivos para mudança: para quê mudar e se ajustar a padrões de comportamentos socialmente aceitos se seus próprios padrões os satisfazem? E, não havendo abertura para a mudança, torna-se difícil qualquer tipo de intervenção mostrar resultado.

3.2 Psicopatia segundo a Psicologia Analítica

Encontrar trabalhos que abordem o tema psicopatia dentro da Psicologia, mais especificamente na abordagem Analítica, é uma tarefa árdua. Guggenbühl-Craig é um dos autores que se dedicou a teorizar sobre o assunto.

Em sua obra *Eros on Crutches* (1980), introduz o conceito denominado Arquétipo do Inválido ao discorrer a respeito da psicopatia. Segundo o autor,

a invalidez sempre esteve conosco. Todas as coisas que vivem, todos os seres humanos, vêm a este mundo deficientes, com algo faltando, seja por hereditariedade, infecção pré-natal ou trauma ao nascer. Nos tornamos cada vez mais deficientes ao longo da vida: acidentes, doenças, e o processo de envelhecimento por si só deixa danos permanentes. Quanto mais velhos nós somos, maior o grau de invalidez. De uma forma ou de outra, todas as nossas funções físicas, mentais e psíquicas são prejudicadas. (p. 12, tradução nossa)

Assim, na visão do autor, todos somos inválidos; sendo uma característica arquetípica, não há necessidade de haver uma situação externa e concreta para que esta se manifeste. Por isso, mesmo que um indivíduo não aparente ser inválido, o arquétipo pode estar se manifestando - através de seu complexo.

“Invalidez” e “doença”, segundo o autor, precisam ser diferenciadas. Isto porque, enquanto a doença progride, seja para a morte, seja para a saúde, a invalidez não leva a lugar algum: é uma deficiência crônica e duradoura. Assim, aqueles que estão vivendo sob o arquétipo do inválido têm um discurso cansativo, pois estão sempre reclamando de algo. Características negativas do arquétipo em questão são o egoísmo, tirania, exploração do sentimento de culpa alheio, etc.

Porém, como em todo arquétipo, existe o lado positivo do Inválido: é um fator importante em relacionamentos, já que enfatiza a dependência humana, a necessidade de nos relacionarmos com outras pessoas. A consciência de que somos deficientes e temos fraquezas é que nos permite perceber que sempre seremos dependentes do outro, em maior ou menor grau. Não podemos viver sozinhos.

A diferença existente no modo como o arquétipo é vivido se dá pela combinação do mesmo com Eros, deus do Amor (aqui, a palavra amor se refere tanto ao amor sexual quanto a amizades, *hobbies*, profissão – ou seja, a tudo que envolva conexão emocional): na presença de Eros, o Inválido traz abertura para relações; na ausência dele, evoca a tirania, parasitismo, tédio.

Quando tratamos de psicopatas, tais indivíduos têm, como postula Guggenbühl-Craig (1980), invalidez de Eros. Sendo assim, são superficiais em seus relacionamentos, que sempre têm pouca duração; o senso de moral é prejudicado (ou até mesmo inexistente); são egoístas; e o desenvolvimento psicológico parece não existir: possuem os mesmos comportamentos quando crianças e quando adultos.

A inabilidade de amar está presente no sentido amplo da palavra: o psicopata pode fingir amar algo/alguém e até enganar os que estão ao seu redor, mas não experienciam tal sentimento. A falta de Eros se expressa através da dificuldade que os psicopatas têm nas relações interpessoais.

A falta da moral se dá pela ausência de Eros: os psicopatas são capazes de compreender intelectualmente o que é moralmente correto, podem até imitar comportamentos considerados como tais, mas a moral em si não possui nenhum significado para eles.

A ausência do desenvolvimento psíquico se expressa através da falta de movimento observada na vida dos psicopatas: os anos passam e a pessoa parece sempre a mesma, suas relações não evoluem, suas atitudes não mudam. Assim como na ausência da moral, a ausência do desenvolvimento psíquico se dá como consequência da ausência de Eros; ou seja, onde não há Eros, não há qualquer tipo de progressão ou desenvolvimento, seja interno ou externo.

Outra característica presente nos psicopatas é o medo crônico: tais indivíduos têm medo de tudo e todos; não confiam em nada nem ninguém. Por isso, podem ter momentos de explosões de raiva e ódio aparentemente sem motivo.

Com relação à vida sexual, observa-se que ela existe e parece ser menos complicada que as dos indivíduos ditos normais. Isto pode ser explicado pela desconexão existente entre o ato sexual e os sentimentos que este pode trazer à tona, outra evidência da falta de Eros. Assim, podemos dizer que a sexualidade é apenas uma ferramenta a ser utilizada – algo estritamente físico e impessoal.

Guggenbühl-Craig (1980) apresenta ainda algumas características, as quais denomina como sintomas secundários da psicopatia, que não estão presentes em todos os psicopatas, mas auxiliam a caracterizar os diversos tipos da síndrome. São eles: ausência de culpa, ausência de *insights*, habilidade de evocar sentimentos de pena, charme, comportamento anti-social ou criminoso, tédio e escalada social.

A ausência de culpa poderia ser considerada como um sintoma primário, ou seja, algo presente em todos os psicopatas. Entretanto, Guggenbühl-Craig percebeu, através de sua vivência clínica, que alguns psicopatas são capazes de notar que vivem sob diferentes “regras” quando comparados ao resto da sociedade, e podem sentir-se isolados, mal compreendidos. Sabem que se portam de maneira diferente a esperada, mas não sabem o porquê disto, e tal sentimento de inadequação pode ser considerado como culpa.

O mesmo acontece com a ausência de *insight*: poderia ser considerada como um sintoma primário, mas alguns psicopatas, como os citados anteriormente, conseguem perceber, ter alguns *insights* com relação às suas

vivências. Porém, tais *insights* não trazem qualquer tipo de fruto, nada que se possa acrescentar ao entendimento de seus problemas.

A habilidade dos psicopatas em evocar sentimentos de compaixão faz com que indivíduos que convivam com eles sintam pena deles, que parecem completamente perdidos no mundo, sem pertencer a lugar algum. Os indivíduos são manipulados pelos psicopatas, que tiram todos os benefícios possíveis trazidos pela posição de “coitadinho”. Tal habilidade contribui para que os psicopatas apliquem os mais diversos golpes, principalmente em mulheres devido ao instinto materno.

O charme está presente na facilidade de agradar, com muita classe e elegância, que muitos psicopatas possuem. Como Eros não está presente, não vêem motivos para poupar os demais de seus truques e manipulação na hora da sedução.

Guggenbühl-Craig considera o comportamento anti-social ou criminal como secundário, e o faz por ser relativamente raro entre os psicopatas. Afirma que a maioria dos casos que encontramos na literatura se refere a tais psicopatas criminosos, mas porque os que foram pegos pelo sistema judiciário são aqueles que, geralmente, estão disponíveis para estudo – os psicopatas “bem sucedidos” estão camuflados, adaptados ao mundo, e por isso não são observáveis.

O tédio encontrado em alguns psicopatas se dá pela combinação da falta de Eros e de moral: como se permitem fazer o que querem e quando querem, chega um momento no qual a vida destes indivíduos se torna monótona, passando de uma tarefa para a outra compulsivamente, sem o menor sentido ou prazer. Já fizeram tudo, proibido ou permitido, e nada mais traz a sensação de preenchimento, de excitação.

A escalada social é uma forma de compensação encontrada por alguns psicopatas para suprir a falta de algo essencial em suas vidas. Através do sucesso e poder, alcançam também o prestígio social que almejam.

Para o autor, “a psicopatia é a ferramenta com a qual podemos entender melhor a nos mesmos” (p.47, tradução nossa). Acredita que o fascínio que a psicopatia desperta no público se dá por vermos um pouco de nós mesmos nos psicopatas, nos conscientizando de nossas próprias limitações e questionando

nossos sentimentos. Partindo deste ponto de vista, pode-se explicar o sucesso obtido por séries de televisão, filmes e livros que contém personagens com características psicopáticas, como o *serial killer* Dexter, objeto de estudo do presente trabalho: ao mesmo tempo em que o público se espanta com o modo de vida de tais personagens marginalizados, são seduzidos por eles.

4 A EXPRESSÃO PSÍQUICA DO MAL

4.1 Persona

Ao teorizar a respeito da construção da estrutura da personalidade dos indivíduos, a psicologia analítica introduz os conceitos de persona e sombra. A persona é entendida como a parte da personalidade que se identifica com a consciência coletiva (cultura); e a sombra como a parte da personalidade não aceita pela consciência (expressa-se, portanto, fora dela).

Viver em sociedade exige que os indivíduos se adaptem ao meio externo. Tal adaptação é feita através do desenvolvimento da persona (palavra originária do latim, utilizada no teatro romano para designar a máscara usada pelos atores), que consiste “[n]a estrutura arquetípica paralela ao ego e depositária da tradição cultural. Estabelece Códigos e papéis para expressão e elaboração simbólica” (BYINGTON, 1988).

Stein (2006) afirma que o termo foi aceito tanto pela psicologia quanto pela cultura contemporânea, sendo utilizado para designar “a pessoa-tal-como-apresentada, não a pessoa-como-real” (p. 102). Segundo ele,

Jung escolheu-o [o termo persona] para a sua teoria psicológica porque se relaciona com os papéis na sociedade. Ele estava interessado em apurar como as pessoas chegam a desempenhar determinados papéis, a adotar atitudes coletivas convencionais e representar estereótipos sociais e culturais, em vez de assumirem e viverem sua própria unicidade. (p. 102)

Sendo assim, cada um de nós possui uma persona que contém diferentes papéis, através dos quais nos relacionamos com o mundo. Agimos de formas diferentes de acordo com o grupo social no qual nos inserimos (família, trabalho, amigos, etc.), pois somos usualmente sensíveis à opinião das pessoas que nos cercam. Se, em determinado ambiente, certas qualidades não são bem vistas pelos demais, estas ficarão ocultas – o indivíduo se “moldará” de forma a mostrar somente características de sua personalidade que são bem vistas pelo meio externo.

A persona é, então, um complexo que tanto esconde quanto revela nossos sentimentos e pensamentos, protegendo o ego da força advinda da

atuação do meio. Segundo Stein (2006), “como complexo, a persona possui considerável autonomia e não está sob o total domínio do ego [...]; faz com que a interação social casual transcorra mais fácil, mais solta [...]” (p. 101).

Frequentemente encontramos o ego identificado com os papéis que desempenham na vida. Porém, o ego contém muito mais características do que aquelas expressas pela persona com a qual se identifica, não podendo ser reduzido a ela. A respeito da identificação, Stein (2006) discorre:

De qualquer modo, o ego sempre contém mais do que a identificação com a persona. Pode-se dizer que, no máximo, a persona formará um invólucro compacto envolvendo o lado do ego que se defronta com o mundo social. Mas, usualmente, as pessoas ainda reconhecerão uma diferença entre o papel e a verdadeira identidade íntima. (p. 105)

O desenvolvimento da persona é um típico problema da adolescência e início da idade adulta. Nesta etapa da vida, experienciamos uma intensa atividade tanto no mundo interno (fantasias, impulsos, desejos), quando no mundo externo. Observa-se um mecanismo de identificação com o grupo de iguais, necessário para a emancipação com relação aos pais e subsequente conquista da maturidade. “Ao mesmo tempo, o adolescente mostra-se cegamente desatento, quase inconsciente, em relação ao mundo objetivo e vive numa fantasia de invencibilidade” (STEIN, 2006, p. 109)

Byington (1988) afirma que o desenvolvimento da persona pode se dar de forma normal ou patológica. Para ele, a persona saudável propicia o desenvolvimento simbólico normal, enquanto a persona patológica atua como uma estrutura defensiva, mantendo os símbolos na sombra de forma a não conseguirem vir à consciência para serem elaborados.

Dois problemas relacionados à persona são identificados por Byington (1988). O primeiro deles é descrito como um problema de estruturação, no qual faltam máscaras para se moldar à expressividade do rosto, ou existem máscaras que deformam esta expressividade. O ego, neste caso, não encontra uma máscara apropriada para se inserir em determinado ambiente, perdendo sua capacidade de expressão.

O segundo problema se relaciona ao apego à adaptação: o indivíduo está tão identificado com a máscara que vem usando há tempos, que a retirada

da mesma implica em um sacrifício muito grande. A pessoa sente-se insegura em abrir mão de uma máscara que tem dado tão certo em virtude de outra que pode ou não obter o mesmo efeito adaptativo.

Stein (2006) também identifica dois problemas relacionados ao desenvolvimento da persona: a superidentificação com a mesma, que se dá quando o indivíduo tem uma preocupação excessiva em agradar os demais, adaptando-se ao mundo externo e acreditando que aquela persona construída seja tudo o que é necessário para o desenvolvimento da personalidade; e a falha em prestar atenção ao mundo externo, ficando excessivamente envolvido apenas com o mundo interior, de forma a excluir os objetos do meio.

Há ainda casos onde a pessoa não mostra interesse em adequar-se à sociedade. Stein (2006) afirma:

Para que a sociedade esteja apta a influenciar as atitudes e comportamentos de uma pessoa, esta deve querer pertencer à sociedade. O ego deve estar motivado para aceitar as características e os papéis da persona que a sociedade requer e oferece pois, caso contrário, serão pura e simplesmente evitados. Não haverá identificação de nenhuma espécie. Um acordo deve ser estabelecido entre o indivíduo e a sociedade para que a formação da persona se firme e se consolide. Se assim não for, o indivíduo viverá uma vida isolada às margens da cultura, para sempre uma espécie de adolescente inquieto e ansioso num mundo adulto. (p. 106)

Por terem objetivos contraditórios, a relação entre ego e persona não é simples: o ego esforça-se para separar-se das expectativas do ambiente externo, a caminho da individuação, onde há a pretensão de tornar-se o que realmente é. Já a persona se movimenta na direção oposta, relacionando-se e adaptando-se aos objetos do mundo externo. “Essas são duas tendências contrárias dentro do ego – uma necessidade de separação e independência por um lado, e uma necessidade de relacionamento e participação por outro” (STEIN, 2006, p. 107).

4.2 Sombra

Complementar à concepção da persona está o complexo denominado sombra. Stein (2006) a denomina de “face posterior do ego”: é na sombra que se localizam os conteúdos que, por quaisquer motivos, foram suprimidos e não integrados à consciência.

Jung (1976) afirma que, entre os arquétipos que mais freqüente e intensamente perturbam o eu (sombra, anima e animus), a sombra é a mais facilmente acessível, sendo possível ter um conhecimento aprofundado acerca da mesma. Porém,

a sombra constitui um problema de ordem moral que desafia a personalidade do eu como um todo, pois ninguém é capaz de tomar consciência desta realidade sem dispende energias morais. Mas nesta tomada de consciência da sombra trata-se de reconhecer os aspectos obscuros da personalidade, tais como existem na realidade. (JUNG, 1976, p. 6)

Faz-se necessário diferenciar “sombra” de “mal”: é equivocado pensar que a sombra apenas contém aspectos ruins de nossa personalidade. Pelo contrário, esta pode abranger nossas melhores qualidades, que foram reprimidas por não se adequarem às demandas sociais do meio onde vivemos. A respeito disto, Byington (1988) afirma:

Apesar da sombra conter frequentemente símbolos moralmente inaceitáveis pela consciência, ou seja, símbolos expressamente codificados como imorais por alguma persona vigente, isto não abrange nem de longe todos os componentes da sombra. (p. 28)

Assim, o processo do desenvolvimento do ego é que determina quais qualidades irão formar a sombra – são aquelas rejeitadas pela consciência do ego, por serem incompatíveis com o ego consciente e a persona. É no dinamismo patriarcal, onde há a consolidação do ego como complexo e a consolidação do outro, que a diferenciação entre o ego e a sombra se constitui. Cavalcanti (*apud* Oliveira, 2007) afirma:

A sombra é o eu negado, alijado, alienado, rejeitado pelos padrões da consciência; uma parte da personalidade não aceita e que se constitui no outro interno, incômodo dentro de

cada um. O outro, que também se é e que não deseja ser, o outro que é alienado de convívio consciente. (p. 20)

Segundo Stein (2006), a sombra, uma vez reprimida, é projetada inconscientemente nos outros – não é diretamente experimentada pelo ego. Tal dinâmica explica o porquê de implicarmos com determinadas pessoas e não sabermos exatamente os motivos de tal implicância: vemos nelas algo que é nosso, mas que não conseguimos identificar em nós mesmos.

“Querendo ser vistos e vendo-nos apenas como pessoas boas, eliminamos pelo raciocínio nossos ímpetos anti-sociais e egoístas, mas rapidamente os constatamos em nossos semelhantes”. Nossa cultura está infestada pela culpa e posição defensiva, características provenientes do arquétipo do bode expiatório que nos provoca inconscientemente e obsessivamente (WHITMONT, 1991, p. 124).

Para Jung (1976), não é o indivíduo quem projeta, mas sim o inconsciente: “por isso não se cria a projeção, ela já existe de antemão” (p. 7) O mecanismo de projeção “tolda nossa visão do próximo e, destruindo a sua objetividade, destroem qualquer possibilidade de um relacionamento humano autêntico” (VON FRANZ, p. 172). Portanto, quando há a projeção, somente se ficarmos conscientes dela e tratarmos a pessoa em questão com sensibilidade é que será possível uma compreensão mútua e posterior relacionamento entre as duas partes. A sombra, segundo Von Franz (1993), só se torna hostil quando é ignorada ou incompreendida.

Os símbolos da sombra se expressam na psique, assim como símbolos da consciência e da persona. A única diferença é que, enquanto os símbolos da consciência se moldam de modo a se adequarem ao ego e ao outro, os símbolos da sombra agem de forma livre, indiscriminada. Para Stein (2006),

[...] o confronto dos símbolos da sombra se situa dentre as maiores tarefas morais, se nos dermos conta que esta consideração somente se aplica ao processo de individuação que, como sabemos, faz parte do ciclo de alteridade da consciência. (p. 30)

Assim como no caso da persona, Byington (1988) identifica dois tipos de sombra: normal e patológica. Para ele, a sombra normal é aquela cujos

símbolos podem ser confrontados quando o ego a tal se dispõe, mesmo que tal confronto seja permeado por ansiedade e outras reações. Na sombra patológica, os símbolos não têm acesso à consciência – são “barrados” por mecanismos de defesa.

O acesso a conteúdos da sombra comumente se dá através de sonhos. Jung denominou “realização da sombra” quando a parte inconsciente da personalidade aparece nos sonhos sob uma forma personificada, como alguém do mesmo sexo que o sonhador. Tal disfarce facilita o contato entre o ego e os conteúdos sombrios já que, mesmo pertencendo à mente do sonhador, aparentam fazer parte de outro ego; serem características da pessoa que aparece no sonho, e não de quem sonha.

Acessar tais conteúdos é importante pois, ainda que tenham sido “rejeitados” pela consciência, contém valores necessários para a manutenção da mesma, já que a psique funciona através do mecanismo de compensação. Todas as nossas potencialidades não expressas e não desenvolvidas estão contidas na sombra pessoal, e precisam ser descobertas (ou redescobertas), mesmo que somente na forma de projeção.

Tuby (*apud* Zweig e Abrams, 1998) sugere seis formas através das quais entramos em contato com a sombra em nosso dia-a-dia:

- a) nos nossos sentimentos exagerados em relação aos outros ("Eu simplesmente não acredito que ele tenha feito isso!", "Não consigo entender como ela é capaz de usar uma roupa dessas!")
- b) na crítica negativa que recebemos daqueles que nos servem de espelhos ("Já é a terceira vez que você chega tarde sem me avisar.")
- c) nas interações em que continuamente exercemos o mesmo efeito perturbador sobre diversas pessoas diferentes ("Eu e o Sam achamos que você não está sendo honesto com a gente.")
- d) nos nossos atos impulsivos e não-intencionais ("Puxa, desculpe, eu não quis dizer isso!")
- e) nas situações em que somos humilhados ("Estou tão envergonhada com o jeito que ele me trata.")
- f) na nossa raiva exagerada em relação aos erros alheios ("Ela simplesmente não consegue fazer seu trabalho em tempo!", "Cara, mas ele perdeu totalmente o controle do peso!") (p.17-18)

Entrar em contato com tais conteúdos pode ser tão avassalador, que em muitos momentos o ego logo volta atrás, adotando o mecanismo de negação.

Recusa-se a dar a devida atenção a estes impulsos, que voltam a ser reprimidos, somente para voltarem à tona em outro momento da vida do indivíduo – geralmente quando a meia-idade se aproxima, e a pessoa é levada a rever certos aspectos de sua individualidade para que torne-se apta a ir para frente, ter outros aprendizados, etc.

Além da sombra pessoal, que varia de acordo com as experiências do indivíduo durante sua vida, há também a sombra coletiva – cada civilização possui a sua. Segundo Zweig e Abrams (1998),

[a maldade humana] nos encara de praticamente todas as partes: ela salta das manchetes dos jornais; vagueia pelas nossas ruas e, sem lar, dorme no vão das portas; entoca-se nas chamativas *sex-shops* das nossas cidades; desvia o dinheiro do sistema de financiamento habitacional; corrompe os políticos famintos de poder e perverte o sistema judiciário; conduz exércitos invasores através de densas florestas e áridos desertos; vende armamentos a líderes ensandecidos e repassa os lucros a insurgentes reacionários; por canos ocultos, despeja a poluição em nossos rios e oceanos; com invisíveis pesticidas, envenena o nosso alimento. (p. 19)

É sob a atuação da sombra coletiva e o poder das emoções que esta evoca que se dão as perseguições raciais, confrontos religiosos, e a cotidiana busca por bodes expiatórios. “Simultaneamente repelidos e atraídos pela violência e pelo caos do nosso mundo, transformamos na nossa mente ‘esses outros’ em receptáculos do mal, em inimigos da civilização.” (ZWEIG E ABRAMS, 1998, p. 19).

Von Franz (1985) discorre a respeito do que denomina mal coletivo,

personalizado nos sistemas religiosos através da crença nos espíritos das trevas e demônios do mal [...] O próprio diabo exemplifica tal personificação da sombra coletiva. Por outro lado, podemos dizer que se os demônios coletivos nos afetam, e porque devemos ter algo deles em nós – caso contrário não nos afetariam e a porta de nossa psique não estaria aberta à sua entrada. (p. 16)

Assim, torna-se compreensível a existência de determinadas figuras para que a sociedade possa encontrar seu balanço – permitindo que tanto o bem quanto o mal, contidos em todos os seres humanos, encontre uma via de expressão.

5 DEXTER

5.1 O seriado

A série americana “Dexter”, produzida pelo canal *Showtime* (e exibida no Brasil pelo canal pago FX), foi baseada no livro *Darkly Dreaming Dexter*, de Jeff Lindsay.

Estreou nos Estados Unidos em outubro de 2006, somando atualmente 44 episódios já veiculados. No presente momento, a quarta temporada está sendo transmitida nos Estados Unidos, e a série foi renovada até – pelo menos - a quinta temporada, cada uma delas possuindo 12 episódios.

5.2 Impacto e características gerais do personagem

O seriado criou muita controvérsia nos Estados Unidos desde a época de sua estréia, em 2006. No ano de 2008, a rede CBS adquiriu os direitos para exibição da série em rede aberta, originando protestos de associações a respeito do conteúdo da série. Tais associações requisitaram que a série não fosse veiculada em televisão aberta, sob a alegação de que “o maior problema da série é algo que quantidade nenhuma de edição pode evitar: a série incentiva o público a simpatizar com um *serial killer*, a torcer por sua vitória, a esperar que este não seja descoberto”. Após tal reivindicação, a série foi classificada como indicada para maiores de 14 anos, e exibida pela CBS com alguns cortes.

Quando a série estreou no Brasil, diversos artigos foram escritos a respeito da receptividade do público com relação ao fato de um *serial killer* ser apresentado como protagonista. Em artigo publicado pela Revista Veja (2008), Marthe diz:

Tipos perversos, mas sedutores – eis a ambivalência que deu o tom ao melhor da teledramaturgia americana nos últimos anos. (...) O público não sente ojeriza por esses personagens pelo fato de eles terem fraquezas humanas. Além disso, a ausência de ética e de sentimentos é sempre relativizada.

O fato de cada um de nós possuir um lado sombrio, mesmo que em menor grau, parece levar o grande público a identificar-se com tais personagens. No caso de Dexter Morgan não poderia ser diferente: sua personalidade sedutora faz com que nos encantemos por ele a cada episódio. Analista de manchas de sangue, trabalha para a perícia do Departamento de Polícia de Miami. No ambiente de trabalho, mostra-se muito carismático e prestativo com seus colegas. O mesmo ocorre em seu relacionamento amoroso: esforça-se para ser o namorado ideal e um bom exemplo para os filhos de sua namorada. Trata-os com muito carinho e delicadeza – o que nos pareceria natural de sua personalidade, se não fosse por sua voz *off*, que frisa constantemente o quão difícil é manter as aparências e vestir tal máscara durante a maior parte do seu dia.

5.3 Descrição da história

5.3.1 Primeira temporada

Dexter Morgan, analista de manchas de sangue, trabalha para o Departamento de Polícia de Miami. Foi adotado aos três anos pelo policial Harry Morgan e sua esposa, após ter sido encontrado pelo mesmo em uma cena de crime onde trabalhou, na qual sua mãe biológica fora assassinada. Tem uma irmã adotiva, Debra Morgan, que também trabalha para a polícia de Miami.

As tendências anti-sociais e a agressividade de Dexter são percebidas por Harry logo cedo, o que o leva a ensinar o menino a canalizar seus impulsos de outras formas, como na caça. Quando Dexter torna-se um jovem adulto, seu pai adotivo o aconselha a utilizar suas “habilidades” para o bem, afirmando que muitos assassinos não são condenados pela justiça, vivendo impunes pelo país.

O foco da primeira temporada são os assassinatos em série cometidos pelo *serial killer* denominado pelos investigadores como “Assassino do Caminhão de Gelo” (*Ice Truck Killer*), pois utiliza tal veículo para drenar todo o sangue do corpo de suas vítimas e depois esquarterá-las. Dexter mostra-se

bastante entusiasmado e curioso com relação ao *modus operandi* do assassino, que passa a mandar mensagens para Dexter através de seus crimes.

A relação de Dexter com seus colegas de trabalho é muito boa, pois esforça-se ao máximo para agradá-los. O único que demonstra não confiar em Dexter é o Sargento Doakes, que chama Dexter de estranho, sempre suspeitando que haja algo de errado com ele, mesmo que não saiba o que ao certo.

Fora do ambiente de trabalho, Dexter relaciona-se com Rita, sua namorada, e os filhos dela: Astor e Cody. Rita é ex-mulher de Paul, condenado e preso por agredi-la repetidas vezes. Por ter passado por tal violência, Rita é considerada por Dexter como tão danificada como ele. O relacionamento sexual dos dois é quase inexistente, o que Dexter vê como uma vantagem, já que não sabe como se portar em situações de intimidade e afeto com uma mulher. Já no relacionamento com as crianças, Dexter mostra-se afetuoso e muito à vontade.

Em determinado momento, o médico protético Rudy surge e inicia um relacionamento amoroso com Debra. Ao longo da temporada, é revelado que Rudy é o Assassino do Caminhão de Gelo e, além disso, irmão biológico de Dexter. Rudy tenta matar Debra, e é morto por Dexter, após revelar a ele sua verdadeira identidade. A morte de Rudy é considerada como suicídio pela polícia.

5.3.2 Segunda temporada

A temporada se inicia com Dexter passando por momentos onde não consegue matar, seja por estar sendo constantemente seguido por Doakes, seja pelas sensações que tem ao lembrar-se do assassinato de seu irmão na temporada passada. A situação começa a complicar ainda mais quando partes de corpos, jogados no mar por Dexter, vêm à superfície, e este teme ser eventualmente descoberto como autor de tais crimes.

O Departamento de Polícia de Miami recebe o Agente Especial do FBI Frank Lundy para auxiliar na investigação e reconhecimento dos corpos, e este

passa a se relacionar com Debra. O autor dos crimes, supostamente um *serial killer*, é denominado Açogueiro de Bay Harbor (*Bay Harbor Butcher*). Dexter é escalado para trabalhar com a equipe na investigação, mas tendo consciência de que sempre foi extremamente cuidadoso para não deixar provas incriminatórias em seus crimes, parece mais tranqüilo. Somente passa a se preocupar quando Doakes, que continua a segui-lo onde quer que vá, descobre sua coleção de lâminas de sangue escondida no ar condicionado de sua casa.

Em meio à tensão vinda da descoberta dos corpos e da investigação que se segue, Dexter ainda tem que lidar com Rita, que desconfia que haja algo de errado com ele, após seu ex-marido ter insinuado que fora novamente preso por causa de uma armação de Dexter, e ter sido recentemente morto na prisão. Temendo ser descoberto por seus verdadeiros crimes, Dexter faz uma falsa confissão: diz ser viciado em heroína, e procura os Narcóticos Anônimos para dar base à sua mentira.

Nas reuniões do NA, conhece Lila, uma ex-viciada em metanfetamina, que se torna sua madrinha. Dexter e Lila ficam cada vez mais próximos e iniciam um relacionamento sexual e Lila, no decorrer da temporada, demonstra ter uma paixão doentia por ele.

Em determinado momento, Doakes confronta Dexter, alegando saber sobre as lâminas e a relação delas com os corpos encontrados no fundo do mar. Dexter o prende em uma cabana, dentro de uma jaula, e ali o deixa. Dias depois, Lila, sabendo a verdadeira identidade de Dexter, encontra a cabana e a explode, matando Doakes. Corre para os braços de Dexter, esperando que iniciem um relacionamento real e sem mentiras, agora que ela tem conhecimento e aceita os crimes cometidos por ele. Dexter, por sua vez, planeja matá-la.

Quando descobre o plano de Dexter, Lila tenta matar Rita e as crianças. Não obtendo sucesso e sendo ameaçada por Debra, foge para Paris.

No final da temporada, Dexter diz, através de sua *voz off*, que tem o direito de viver sua vida da forma que acredita ser a mais adequada, e que daquele momento em diante, irá adaptar o Código de Harry de acordo com o que acha mais apropriado. Também diz que percebe que as relações que

cultivou até então somente por conveniência provaram ser importantes para ele, mesmo que o deixem vulnerável.

5.3.3 Terceira temporada

Nesta temporada, Rita descobre estar grávida de Dexter, e questiona-o se deve ou não ter o bebê. Dexter fica surpreso com a notícia e, quando Rita diz a ele que decidiu prosseguir com a gravidez independente do que ele resolva, a pede em casamento. Rita, sem hesitar, aceita.

No trabalho, Dexter se depara com um traficante de drogas chamado Freebo, que é suspeito de ter assassinado a namorada. Certo dia, decide ir até a residência de Freebo e confrontá-lo. Porém, ao chegar lá, o encontra lutando com outro homem. Uma confusão se inicia, e Dexter se vê obrigado a matar o “intruso” em legítima defesa; mais tarde, descobre que o tal intruso era irmão de Miguel Prado, promotor de justiça e antigo namorado da Tenente LaGuerta.

A Polícia de Miami fica encarregada de investigar a morte do irmão de Miguel Prado, que se torna presença constante na Delegacia.

Em determinada noite, Dexter segue para a casa de Freebo, com o intuito de seguir com o plano de matá-lo. Após cometer o crime, encontra Miguel Prado ao sair da casa de Freebo (o promotor estava seguindo uma pista do paradeiro do criminoso) ainda com a camisa suja de sangue, e diz a ele que teve que matar o traficante em legítima defesa. Miguel o agradece e ajuda Dexter a esconder o corpo.

Após o episódio da morte de Freebo, Dexter e Miguel iniciam uma amizade, encontrando-se frequentemente nas horas vagas. Dexter comenta, em sua voz *off*, que Miguel talvez seja a única pessoa que possa, no futuro, conhecê-lo de verdade – ser realmente seu amigo e aceitá-lo como é. Rita e Silvia, mulher de Miguel, também tornam-se amigas.

Na Delegacia, Debra começa a trabalhar com um novo parceiro, Quinn, e está cada vez mais perto de receber o título de detetive. A dupla recebe um novo caso: um *serial killer*, denominado *Skinner*, que tem como hábito tirar a pele de suas vítimas enquanto estas ainda estão vivas. Quinn traz um informante para o caso, e este passa a se relacionar com Debra.

Dexter e Miguel passam a compartilhar informações a respeito de criminosos que conseguiram se manter longe da prisão. Certo dia, Dexter mostra seu “ritual de matança” a Miguel Prado, e vê o mesmo matar um criminoso sem hesitação. Assim, quando no dia seguinte, Ellen Wolf, advogada e desafeto de Miguel, desaparece, Dexter passa a desconfiar que seu amigo a tenha matado. Após alguma investigação, descobre que o “amigo” o manipulou o tempo todo para chegar nesse objetivo.

A partir daí, Dexter e Miguel Prado tornam-se inimigos, onde um joga para eliminar o outro. Miguel convence o *serial killer Skinner* a matar Dexter, em troca de conseguir fugir. O promotor planeja matar LaGuerta, já que a mesma está cada vez mais perto de descobrir a verdade sobre a morte de Ellen Wolf.

Dexter, porém, consegue capturar Miguel antes que o mesmo o faça. Antes de matá-lo, confessa ter matado seu irmão. Utiliza o método do *Skinner*, para que Miguel seja identificado como uma vítima do mesmo quando seu corpo fosse descoberto.

Na noite anterior a seu casamento, Dexter é capturado por *Skinner*, e quebra sua mão enquanto luta para sobreviver. Por fim, consegue quebrar o pescoço do *serial killer* e atirá-lo contra um carro da polícia, fazendo com que a morte pareça suicídio.

Vai para seu casamento com gesso no braço, e a temporada termina com uma gota de sangue do braço de Dexter caindo no vestido de Rita enquanto dançam.

5.3.4 Quarta temporada (em andamento)

A temporada se inicia com Dexter desempenhando o papel de pai de família, vivendo em uma casa no subúrbio com sua esposa Rita, o bebê Harrison, Astor e Cody. Além de centrar-se na dificuldade que Dexter encontra em prosseguir com sua atividade extra-curricular devido à nova rotina que vivencia atualmente, a série nos mostra um novo *serial killer*, denominado *Trinity*, que está em atividade há pelo menos 30 anos, tornando-se o *serial killer* mais prolífico de todos os tempos.

O agente especial do FBI Frank Lundy volta à Miami – é ele quem introduz a teoria a respeito do *Trinity* a Dexter e Debra, após um assassinato com semelhantes características acontecer na cidade. O diferencial deste assassino é que ele comete três assassinatos a cada ciclo (por isso foi denominado *Trinity* – “trindade”): primeiramente, uma mulher em uma banheira sangra até morrer; depois, coage uma mãe a suicidar-se pulando de um prédio; e, por fim, espanca um pai de dois filhos até a morte.

Dexter supõe que, para conseguir estar à ativa e nunca ter sido pego há 30 anos, o assassino em questão deve ser um “lobo solitário”, sem família ou laços com qualquer outra pessoa, de modo que possa locomover-se sempre que necessário. Porém, ao segui-lo, descobre que o homem, assim como ele, é casado e tem filhos.

5.4 Descrição das personagens

Dexter Morgan: Meticuloso, reservado em suas relações, e bastante focado no seu trabalho como analista de manchas de sangue. Ao cometer seus crimes, segue rituais e raramente faz algo fora do programado, mostrando perfeccionismo e certa frieza.

Debra Morgan: Extrovertida, relaciona-se bem com os colegas de profissão, muitas vezes agindo de forma mais masculinizada devido ao seu ambiente de trabalho. Seus relacionamentos amorosos são superficiais e passageiros. Admira muito o pai desde criança, e mesmo após sua morte, age de forma a fazê-lo orgulhoso.

Harry Morgan: Prestativo e focado em seu trabalho como policial, mostra-se bastante dedicado aos filhos, principalmente no que se refere a ajudar Dexter a canalizar seus impulsos de forma positiva. Mesmo após sua morte, ao aparecer em *flashes*, orienta o filho adotivo em diversas situações, principalmente quando julga que o mesmo está seguindo um caminho perigoso.

Sargento James Doakes: Mal humorado, está sempre cobrando algo de seus subordinados. Desde o início da série, mostra desconfiar da personalidade de Dexter, o que o leva a ter certa implicância com o mesmo. A única pessoa com quem se relaciona relativamente bem no Departamento é a Tenente LaGuerta, que foi sua parceira na polícia no passado.

Agente Especial do FBI Frank Lundy: Confiante, calmo, sério e extremamente inteligente, é muito respeitado por seus colegas de profissão. Tem um relacionamento passageiro com Debra, que acaba assim que o trabalho do Agente em Miami termina e este precisa voltar para a base do FBI.

Rita Bennet: Mulher simples, carinhosa e extremamente dedicada a Dexter, é ex-mulher de um homem abusivo, que foi preso após espancá-la diversas vezes. É mãe de Astor e Cody, e posteriormente engravida de Dexter. Torna-se o apoio de Dexter, aquilo que o torna mais humano. Se no início, Dexter apenas se relacionava com Rita para fingir normalidade, com o passar do tempo o relacionamento se tornou genuíno e positivo para ele.

Lila West: Mulher desequilibrada e psicopata, mente ser ex-viciada em drogas para tornar-se madrinha de Dexter nos Narcóticos Anônimos. Obsessiva e totalmente cega de paixão pelo mesmo, não hesita em fazer o que for necessário para ter seu amor e relacionar-se com ele, que acaba tendo um caso com ela. Porém, quando percebe que Dexter tem uma conexão muito forte com Rita e as crianças, planeja matá-los para ter seu amado só para si. Após cometer diversos atos desesperados, como transar com Baptista e encenar um estupro, foge para Paris, mas Dexter vai atrás dela e a mata.

Miguel Prado: Figura poderosa e influente em Miami, Miguel aproxima-se de Dexter após o assassinato de seu irmão. Manipula-o, fazendo-o acreditar que é seu único amigo, e única pessoa capaz de conhecer seus maiores segredos, mas acaba mostrando suas verdadeiras intenções ao matar Ellen Wolf utilizando-se da técnica que aprendeu com Dexter.

6 ANÁLISE DO PERSONAGEM

No início da série, Dexter Morgan se apresenta como sendo um *serial killer* e psicopata. Ao acompanharmos o desenrolar da trama, temos certeza de que realmente se trata de um assassino em série. A questão que surge é: seria Dexter realmente um psicopata?

Ao longo do presente trabalho, diversos dados acerca da psicopatia foram apresentados. Um deles relaciona psicopatia e *serial killers* e nos mostra que entre os assassinos em série abordados no estudo de Stone (*apud* Morana, Stone e Abdalla-Filho, 2006), 86,5% foram considerados psicopatas, enquanto outros 9% apresentaram traços psicopáticos, mas não o suficiente para serem considerados como tais. Não temos acesso ao instrumento criado por Hare e utilizado por Stone para classificar os sujeitos do seu estudo – sendo assim, não é possível analisar o personagem Dexter Morgan com base no PCL-R (*Psychopathy Checklist*).

Porém, dentre as características principais dos psicopatas elencadas por Cleckley (1988), podemos observar as seguintes no protagonista da série estudada: charme superficial e boa inteligência; ausência de delírios ou outros sinais de pensamentos irracionais; ausência de “nervosismo” ou manifestações psiconeuróticas; suicídio raramente consumado; vida sexual impessoal, trivial e pouco integrada.

O charme superficial e boa inteligência são percebidos através das relações que Dexter tem, seja com seus colegas de trabalho, seja com Rita: Dexter é adorado por todos que o rodeiam, exceto pelo Sargento Doakes, que desconfia que haja algo de estranho no analista de manchas de sangue:

Sargento Doakes: Você me dá arrepios, Dexter, sabia disso?

Dexter: Sim, eu sei, sinto muito por isso. (DEXTER, 2006, 1x01, tradução nossa)

Seu trabalho no Departamento de Polícia de Miami tem bastante credibilidade, e Dexter mostra foco e grande capacidade de planejamento e julgamento tanto em relação ao seu trabalho “oficial”, quando na sua atividade “extra-curricular”: matar bandidos.

A ausência de delírios ou outros sinais de pensamento irracional é evidente: é muito ligado à realidade, racional e sensato. Também não demonstra nervoso ou manifestações psiconeuróticas.

Até então, nunca tentou suicídio. Acredito que nem mesmo tenha cogitado esta possibilidade.

Sua vida sexual, inicialmente, mostrou-se praticamente inexistente. Dexter afirma, a respeito de seu relacionamento com Rita: “Eu a escolhi porque, a seu modo, Rita é tão danificada quanto eu” (DEXTER, 2006, 1x01, tradução nossa). Tanto Dexter quanto Rita eram receosos com relação ao sexo: Rita por ainda estar traumatizada após seu casamento com Paul, e Dexter por acreditar que, durante o ato, mostra suas características sombrias, o que assusta as parceiras. Com o decorrer dos episódios, passa a relacionar-se sexualmente com Rita. Mas, ao iniciar um relacionamento meramente sexual com Lila na segunda temporada, percebemos que a vida sexual de Dexter é impessoal, trivial e pouco integrada.

Cleckley (1988) afirma que, na maioria das vezes, o psicopata mostra-se adequado ao convívio social, demonstrando aspectos de normalidade. No caso de Dexter, o personagem possui uma persona tão adequada, que consegue manter a aparência do herói que trabalha para resolver crimes, e ao mesmo tempo comete crimes com requintes de crueldade.

Com relação ao transtorno de personalidade anti-social descrito pelo DSM-IV (1994), Dexter preenche os seguintes critérios: incapacidade de adequar-se às normas sociais com relação a comportamentos lícitos, indicada pela execução repetida de atos que constituem motivos de detenção; propensão para enganar, indicada por mentir repetidamente para obter vantagens pessoais ou prazer; irritabilidade e agressividade, indicadas por repetidas lutas corporais ou agressões físicas; ausência de remorso, indicada por indiferença ou racionalização por ter ferido, maltratado ou roubado alguém; tem no mínimo 18 anos de idade; existem evidências de transtorno de conduta (caracterizado por agressão a pessoas ou animais) com início antes dos 15 anos.

Desde sua infância, Dexter apresenta tendências anti-sociais – mentia para a família adotiva, principalmente para o pai Harry; matava e maltratava

animais; mostrava falta de empatia com relação aos demais. Quando confrontado pelo pai, que havia descoberto uma cova com ossos de animais, racionalizou, dizendo que havia matado o cachorro do vizinho pois este latia muito e não deixava sua mãe (que estava doente) dormir. Harry diz a Dexter que encontrou muitos ossos na cova, e que estes não pertenciam somente ao tal cão, levando Dexter a admitir a existência de impulsos que não consegue controlar.

Harry, então, pergunta ao filho se ele já teve vontade de matar algo maior que um cão, como uma pessoa. Dexter responde que sim, mas afirma que nunca pensou em matar alguém em particular. Harry pergunta o porquê do filho não haver colocado tal vontade em prática, e Dexter responde “pensei que você e a mamãe não fossem gostar” (DEXTER, 2006, 1x01, tradução nossa). A partir daí, o pai ensina o garoto a canalizar tais impulsos de outra forma, e ambos começam a caçar juntos.

Em cenas de *flashback*, que mostram Dexter adolescente conversando com o pai, vemos o seguinte diálogo entre os dois:

Harry: Ok, então nós não podemos parar isso. Mas talvez... nós poderíamos fazer algo... para canalizá-lo. Usá-lo para o bem.

Dexter: Como isso pode ser bom?

Harry: Filho, existem pessoas por aí que fazem coisas terríveis. Pessoas terríveis. E a polícia não consegue pegar todas elas. Você entende o que eu quero dizer?

Dexter: Você está dizendo... que elas merecem. (DEXTER, 2006, 1x02, tradução nossa)

A partir desta conversa, se dá a elaboração do Código entre Harry e Dexter: já que o impulso para matar não pode ser extinto, o garoto irá canalizá-lo de forma a utilizá-lo para o bem e matar pessoas que, segundo os critérios adotados por eles, merecem ser mortas. Porém, a criação do Código não se dá de forma a somente “poupar” possíveis vítimas inocentes, mas também como forma de impedir que Dexter seja descoberto como autor de tais crimes, já que a polícia dificilmente irá dedicar-se a investigar o desaparecimento de criminosos. “Harry foi um ótimo policial aqui em Miami. Ele me ensinou como pensar como um [policial]; ele me ensinou como limpar meu rastro. Eu sou um monstro muito organizado” (DEXTER, 2006, 1x01, tradução nossa).

Dexter, na primeira temporada, afirma ter uma total inabilidade de amar - diz não conseguir sentir/experienciar tal sentimento: “Como eu, vazio por dentro” (DEXTER, 2006, 1x01, tradução nossa). Porém, ao assistirmos a série, podemos notar o carinho que demonstra em relação aos filhos de sua namorada, à própria Rita, à sua irmã, etc. Por mais que o discurso diga o contrário, fica claro que essas pessoas são importantes para Dexter – algo que não aconteceria se o mesmo não fosse capaz de amar ou conectar-se genuinamente a alguém.

O sentimento de culpa está presente em Dexter – algo que não necessariamente exclui a hipótese do mesmo ser um psicopata, já que é considerado um sintoma secundário por Guggenbühl-Craig (1980). O personagem percebe que vive sob diferentes regras quando comparado ao resto da sociedade, o que o faz crer que, caso descubram sua atividade sombria, será incompreendido. Fantasia com o dia em que poderá mostrar ao mundo quem realmente é – seu maior desejo é que as pessoas o agradeçam e enalteçam por livrar o mundo de sua escória; escória essa representada por *serial killers* e outros criminosos, o que nos faz refletir: Dexter livra o mundo da escória da qual ele mesmo faz parte.

Para viver em sociedade, Dexter, como qualquer outro indivíduo, desenvolveu sua persona, composta por diversos papéis: namorado, irmão, analista de manchas de sangue, amigo, etc. A respeito de seus diversos papéis, comenta enquanto visita com Rita e as crianças uma loja de fantasias para o Halloween:

As pessoas acham divertido fingirem que são monstros... já eu, passo minha vida fingindo ser algo que não sou. Irmão, amigo, namorado, tudo faz parte da minha coleção de fantasias (DEXTER, 2006, 1x04, tradução nossa)

Os diversos papéis que constituem sua persona são tão convincentes que, se a série não mostrasse a voz *off* de Dexter comentando o quão árdua é a tarefa de desempenhar estes papéis, o público não perceberia que tudo não passa de uma atuação. Nota-se que o personagem possui uma imensa capacidade intelectual e sensibilidade para captar o que é valorizado pelo ambiente onde se insere, e agir com base na imitação. “As pessoas fingem

diversas interações humanas, mas eu sinto que finjo todas elas, e finjo muito bem. Esse é meu fardo, eu acho” (DEXTER, 2006, 1x01, tradução nossa).

Podemos correlacionar esta característica de Dexter com a facilidade que os psicopatas têm em se adequarem ao meio onde estão, como no caso dos impostores, que adotam diferentes papéis com a finalidade de obter alguma vantagem financeira ou emocional.

Ao refletir sobre uma conversa que teve com seu pai adotivo, Dexter diz: “Ele me disse que nenhum de nós é o que aparenta ser. Mas nós devemos manter as aparências para sobreviver” (DEXTER, 2006, 1x03, tradução nossa). A persona possui esta função, de proteger o ego das forças advindas do mundo externo. No caso de Dexter, esta função é apenas maximizada: como Harry Morgan disse, todos nós fingimos ser algo que não somos, por um motivo ou outro.

As diferentes máscaras que Dexter adota ao longo de sua vida possuem função adaptativa – sem elas, seus crimes já teriam sido descobertos, e o personagem estaria preso ou até mesmo morto. No início da série, encontramos um Dexter mais “engessado”, totalmente escondido por trás de sua armadura: “se eu deixar alguém chegar assim tão perto, eles veriam quem eu realmente sou... e eu não posso permitir que isso aconteça. Então, é hora de colocar minha máscara” (DEXTER, 2006, 1x04, tradução nossa). Com o decorrer dos episódios, ainda que continue a vestir suas máscaras e omitir sua essência, percebemos que Dexter permite uma maior aproximação de Rita e seus filhos, mesmo que se torne mais vulnerável em decorrência disto.

Eu sei que há algo sombrio em mim. Eu o escondo. Eu certamente não falo a respeito. Mas está lá. Sempre. Este passageiro sombrio. E quando ele está dirigindo, eu me sinto... vivo. Eu não luto contra ele. Eu não quero fazer isso. Ele é tudo o que eu tenho. Nada mais poderia me amar, nem ao menos, especialmente, eu mesmo. Ou isso é apenas uma mentira que o passageiro sombrio me conta? Porque ultimamente, existem alguns momentos em que eu me sinto... conectado à algo, à alguém. E é como se a máscara estivesse escorregando... e coisas... pessoas... que nunca importaram antes, estão subitamente começando a serem importantes. Isso me assusta muito (DEXTER, 2007, 2x03, tradução nossa).

Os únicos momentos nos quais se despe de suas máscaras são na caçada de suas vítimas e posterior ritual de assassinato. Nessas circunstâncias, nos deparamos com um Dexter livre de compaixão, que obtém prazer ao confrontar suas vítimas a respeito dos crimes cometidos por elas, e ao desmembrá-las. Ali, o personagem encontra sua paz, pois o contato com sua verdadeira essência torna-se possível.

Seus crimes são cometidos fundamentalmente à noite. Podemos fazer uma correlação deste dado com a sombra: características que não são bem vistas pela sociedade são colocadas para fora somente em momentos onde estão protegidas pela escuridão. Dexter se refere ao seu impulso para matar como “Passageiro Sombrio” (*Dark Passenger*), algo que também podemos correlacionar, metaforicamente, à sombra: “Meu passageiro sombrio é como um minerador preso, sempre batendo, sempre me fazendo saber que está lá, ainda vivo”. (DEXTER, 2009, 4x01, tradução nossa)

Nos episódios finais da primeira temporada, Dexter é levado a visitar uma cidade interiorana, após receber a notícia de que seu pai biológico (do qual Dexter nunca soube nada a respeito) havia morrido. Faz a viagem com Rita, mas Debra e seu namorado Rudy aparecem de surpresa para ajudarem nas providências a serem tomadas. Após tirar uma amostra do sangue do falecido e mandar para a análise de DNA junto com uma amostra de seu próprio sangue, Dexter descobre que aquele era, de fato, seu pai biológico – algo que desmentia a versão de Harry Morgan, o qual afirmou que os pais de Dexter haviam morrido em um acidente. A partir dessa descoberta, Dexter fica ainda mais introspectivo, questionando-se no que mais seu pai adotivo poderia ter mentido.

O contato de Dexter com seu passado tornou-se possível graças à Rudy, que é, na verdade, seu irmão biológico. Este mata o próprio pai, como forma de aproximar-se de seu irmão e ajudá-lo a lembrar-se do fato traumático pelo qual ambos passaram na infância – terem presenciado o brutal assassinato de sua mãe, e terem sido abandonados à deriva, imersos em seu sangue durante dias.

Além de matar o pai - o primeiro passo que possibilitou o reencontro com Dexter - Rudy cria uma sangrenta cena de crime em um quarto hotel,

remetendo à cena do assassinato de sua mãe, e faz com que seu irmão seja obrigado a lidar com os sentimentos e lembranças que emergem ao chocar-se com esta. Logo que entra no quarto, sozinho, Dexter vê um menino, de aproximadamente três anos de idade, cercado por sangue e gritando “mamãe”. As emoções advindas de tal lembrança são tão fortes que ele desmaia, caindo sobre o sangue derramado no chão.

Levanta-se, ainda desorientado, e dirige-se para o lado de fora do hotel. Ali, admite que não conseguirá mais entrar no quarto, e passa a trabalhar do corredor, sem olhar diretamente para a cena – apenas ouve as perguntas e comentários de seus colegas de trabalho, orientando-os a tirar fotos e documentar tudo o que encontrarem. No final do episódio, após perceber que aquela cena tinha sido montada pelo Assassino do Caminhão de Gelo especialmente para ele, decide voltar para a cena do crime, abrindo-se para as memórias que poderiam surgir a partir daí. Assim, lembra-se de ter presenciado o assassinato da mãe e outras pessoas envolvidas com o tráfico de drogas – todos mortos por uma serra elétrica, em um galpão. A mãe gritava frases como “não na frente do meu bebê”, e dizia a Dexter que o amava muito.

Simbolicamente, podemos considerar que tais fatos (morte do pai biológico, lidar com a cena de crime ensangüentada) levaram à ativação de complexos, advindos do trauma inicial vivido pelo personagem. A partir do contato com tais memórias, sentimentos e emoções, Dexter pôde focar-se em si mesmo, em seu mundo interno, e finalmente iniciar a jornada rumo a sua verdadeira essência, também conhecida como processo de individuação:

Eu vivi nas trevas por um longo tempo. Ao longo dos anos, meus olhos se ajustaram até que a escuridão se tornou meu mundo e eu pude enxergar. Mas, então, Rudy acendeu a luz. Ele inundou minha memória e agora eu estou cego (DEXTER, 2006, 1x12, tradução nossa).

Ao perseguir pistas deixadas por seu irmão, Dexter rumo ao encontro do local onde sua mãe foi morta, lugar onde relaciona com o nascimento de seu lado sombrio e criminoso: “Eu não gosto desse lugar. Algo sem nome nasceu aqui. Algo que vive no buraco mais fundo e escuro nesta coisa chamada Dexter” (DEXTER, 2006, 1x11, tradução nossa). Ainda seguindo as pistas,

chega à casa na qual viveu com sua família original, onde tem a lembrança de brincar de esconde-esconde com sua mãe e irmão, Brian:

Rudy (Brian): Você se lembra agora?

Dexter: Biney?

Rudy (Brian): Você sempre teve dificuldade em dizer “Brian”...

Dexter: Eu tenho um irmão...

Rudy (Brian): Um irmão de verdade... nada dessa besteira de adoção. Somos irmãos de sangue. Através do nascimento e da morte. Ver a mamãe morrer... é incrível que tenhamos sobrevivido a isso, não é? A serra elétrica... os pedaços de corpo voando. O sangue.

Dexter: Você estava lá também?

Rudy (Brian): Dois dias sentados no sangue até que eles nos encontraram. Você era jovem o suficiente para bloquear tudo aquilo. Eu nunca esquecerei o dia em que nós...

Dexter: Nascermos.

Rudy (Brian): Exatamente. (DEXTER, 2006, 1x12, tradução nossa)

Enquanto Dexter foi adotado pela família Morgan e cresceu rodeado de carinho e afeto, seu irmão Brian foi institucionalizado. Cresceu em um hospital psiquiátrico, onde foi diagnosticado como portador do transtorno de personalidade anti-social, e liberado aos 21 anos após ser considerado “curado”.

Brian: Você está preso em uma mentira, irmãozinho. A mesma mentira que eles tentaram me forçar.

Dexter: Eles?

Brian: Você sabe... médicos, terapeutas, líderes de grupos. Que família eles eram...

Dexter: Você nunca foi colocado para adoção...

Brian: Temo que não. Você tinha 3 anos... um pequeno pássaro com a asa quebrada. Primeiro policial na cena do crime: Harry Morgan. Ele queria consertar tudo pra você. Mas eu? Eu via nos olhos dele. Tudo que ele viu foi um garoto problemático. Todos eles viam. Então eles me trancaram.

Dexter: Eu nem sabia que você existia.

Brian: Claro que não sabia. Harry o queria todo para ele. Agora você era criado pela família Morgan. Eu só tenho uma lembrança de família.

Dexter: Eu.

Brian: Mamãe sempre pediu que eu tomasse conta de você. Imagine como eu me senti quando eu te encontrei e descobri que você era exatamente como eu.

Dexter: Eu não preciso imaginar.

Brian: Eu sei pelo o que você tem passado por todos esses anos. O isolamento, a inércia, a fome nunca satisfeita. Mas você não está mais sozinho, Dexter. Você pode ser você

mesmo, comigo. O seu verdadeiro “eu” genuíno. É de tirar o fôlego, não é? (DEXTER, 2006, 1x12, tradução nossa)

Quando Brian sugere que matem Debra Morgan juntos, os irmãos conversam a respeito do Código de Harry, onde fica clara a diferença entre os dois: enquanto Dexter mata somente criminosos, aqueles que julga serem merecedores, Brian assassina pessoas inadvertidamente, sem remorso ou culpa. Dexter considera o irmão livre por agir de tal maneira, e este diz que ele também pode sentir-se assim. Afirma que o Código seguido por Dexter não é dele, e sim de alguém que está morto.

Dexter: Eu não posso. Não a Deb.

Brian: Não... não diga isso.

Dexter: Eu tenho muito... carinho por ela.

Brian: Você não pode ser um assassino e um herói. Não funciona assim! (DEXTER, 2006, 1x12, tradução nossa)

Segundo Hare (1999), o ambiente onde o jovem psicopata é criado tem papel fundamental no destino que este dará a seus impulsos: aqueles que voltam-se para o mundo do crime, se foram criados em um ambiente estável, com acesso à educação e meios de convívio sociais, provavelmente tornaram-se criminosos de colarinho branco. Já um sujeito com as mesmas características de personalidade, que vive em um ambiente instável, tem maior probabilidade de se tornar um criminoso violento. No caso de Dexter e Brian, o primeiro viveu em um ambiente acolhedor, mas optou por cometer crimes violentos, ainda que “justificados”. Já Brian, tendo vivido em um ambiente frio, desprovido de afeto ou proximidade, não desenvolveu qualquer tipo de empatia pelos demais seres humanos, matando pessoas como se estas forem meros objetos necessários para que alcance seu objetivo: chamar a atenção de seu irmão. Assim, no caso de Dexter e Brian, ainda que matem por motivos e de formas diferentes, ambos tornaram-se *serial killers*.

Mesmo sentindo que poderia, finalmente, ser quem realmente é ao lado do irmão, sem precisar suprimir seus impulsos e fingir ser um cidadão exemplar para a sociedade, Dexter não consegue deixá-lo viver, sabendo que sua irmã adotiva corre perigo enquanto Brian estiver por perto.

Dexter: Sabe, isso não é fácil para mim. Você fez mais do que qualquer outro para merecer minha faca... você é o único que eu quis libertar.

Brian: Você é quem precisa ser libertado, irmãozinho. Sua vida é uma mentira.

(Neste momento, Dexter corta a garganta de Brian): Desculpe-me. Não consigo mais ouvir isso. Mas você está certo. (DEXTER, 2006, 1x12, tradução nossa)

Ao ver seu irmão se esvaindo em sangue, Dexter chora, pela primeira vez. Senta-se em um canto da sala, onde observa o irmão morrer. Mais tarde, o corpo de Brian foi descoberto, e sua morte considerada suicídio.

A realidade é que não há mais ninguém vivo que possa lidar com a minha verdade. Às vezes eu me pergunto como seria se tudo que está negado e desconhecido dentro de mim fosse revelado. Mas eu nunca saberei. Vivo minha vida me escondendo. Minha sobrevivência depende disso (DEXTER, 2006, 1x12, tradução nossa).

Na segunda temporada, Dexter passa por um longo período de tempo em que não consegue matar: seja pela constante vigilância de Doakes, que passa a persegui-lo dia e noite com o intuito de descobrir algo a seu respeito; seja pela lembrança de ter matado seu próprio irmão. Nesse ínterim, partes de corpos começam a vir à superfície do porto que Dexter sempre utilizou para livrar-se dos corpos de suas vítimas.

Podemos relacionar a dificuldade que Dexter teve em aceitar o assassinato do irmão – fazendo de tudo para não ter que lidar com as lembranças deste momento – com a aparição de partes de corpos de suas vítimas. A sincronicidade de tais eventos nos leva a vislumbrar que, mesmo que tenha havido a tentativa de reprimir certos conteúdos, uma vez que estes vieram à tona, tornou-se necessário lidar com eles: Dexter tentou negar seu lado sombrio e as lembranças traumáticas pelas quais passou, mas no momento em que as provas de seus crimes vieram à superfície sem razão aparente, o protagonista teve que agir, sair da inércia onde se encontrava.

Mesmo com a certeza de que não seria ligado aos crimes por ter sido extremamente cuidadoso e cauteloso ao lidar com as provas, Dexter é descoberto por Doakes, que encontra as lâminas de sangue no apartamento do analista. Tendo o Sargento o desmascarado como o *serial killer* Açogueiro de

Bay Harbor (*Bay Harbor Butcher*), este entra em contato com o lado sombrio do personagem.

Ao ser confrontado pelo Sargento, Dexter se enfurece, prendendo-o em uma jaula até decidir o que fará com ele:

Dexter: Por que você não pôde me deixar fazer meu trabalho em paz? Por que você teve que ir lá e arruinar tudo?

Doakes: Você é um assassino. Eu pego assassinos.

Dexter: Eu também. Eu peguei você.

Doakes: Eu não sou um assassino.

Dexter: Você é. É por isso que você sempre soube o que eu sou. É por isso que você tem mais tiros relacionados ao trabalho do que qualquer outro. Só que eu não mexo com você quando você atira em alguém, por que você não pôde me dar a mesma cortesia profissional?

Doakes: Não há nada de profissional no que você faz. Eu mato quando que tenho que fazê-lo, no trabalho.

Dexter: Então, é justo tirar uma vida contanto que você receba um pagamento por isso? (DEXTER, 2007, 2x10, tradução nossa)

O sargento acaba sendo morto por Lila, que explode a cabana onde este estava preso, com o intuito de mostrar a Dexter o quando ela o ama e o aceita como ele é. Lila é uma mulher que Dexter conhece nas reuniões dos Narcóticos Anônimos, lugar que começa a frequentar após concordar com Rita quando esta supõe que ele seja usuário de drogas. No decorrer dos episódios da segunda temporada, notamos a paixão doentia que Lila nutre por Dexter, o que a leva a ameaçar a vida de Rita e das crianças, além de matar Doakes, como dito anteriormente.

Dexter mostra-se muito incomodado com as atitudes de Lila, que insiste que os dois são destinados a ficarem juntos. A irritação do analista de manchas de sangue é tão grande, que este decide eliminar Lila de sua vida, de uma vez por todas: “Uma coisa é mexer comigo, outra é mexer com... minha ex-namorada que me odeia. O experimento Lila está oficialmente terminado” (DEXTER, 2007, 2x08, tradução nossa).

Mesmo com Lila tendo fugido do país, Dexter vai ao seu encontro e a mata, pois acredita que só morta a mulher deixará de ser uma ameaça à Rita e às crianças.

No último episódio da segunda temporada, Dexter reflete a respeito de suas experiências nos últimos meses:

Não muito tempo atrás eu tive um sonho no qual as pessoas podiam me ver como realmente sou, e por um breve momento o mundo realmente viu os frutos do meu trabalho. Alguns até vibraram. Mas como pude perceber, ninguém chora pelos malvados. Desculpe-me James [Doakes]. Eu acho que Harry soube disto desde o começo. É por isso que ele me deu um Código. Isso lhe custou a vida, mas me manteve vivo através de incríveis provações. O Código é meu agora, somente meu. Como também são as relações que cultivei. Elas não são mais apenas disfarces, mesmo que me deixem vulneráveis. Meu pai pode não aprovar, mas eu não sou mais seu discípulo. Eu sou um mestre agora, uma idéia que transcendeu para a vida. E então esse é meu novo caminho, que é muito parecido com o antigo, mas meu. Para percorrer esse caminho, eu preciso trabalhar mais, explorar novos rituais, evoluir. Eu sou mal? Eu sou bom? Eu não tenho as respostas. Alguém tem? (DEXTER, 2007, 2x11, tradução nossa).

Assim, podemos perceber que a segunda temporada foi um momento crucial na jornada de Dexter – através das relações que manteve com os demais, o personagem pode perceber em si características que julgava não existirem: afeto, carinho, empatia, preocupação com os demais, etc. Colocando-se mais disposto e aberto para os relacionamentos, Dexter permitiu que certos complexos fossem ativados através das relações com o mundo externo, o que é algo crucial para que o processo de individuação se dê.

Na terceira temporada, já com a percepção de que necessita manter determinadas relações, mesmo que se torne mais vulnerável em decorrência delas, Dexter aproxima-se de Miguel Prado, questionando-se se poderia ter encontrado no mesmo um amigo, alguém a quem poderia confiar seus maiores segredos. Aos poucos, compartilha com ele sua verdadeira identidade e características sombrias.

Porém, com o passar do tempo, percebe que foi usado pelo promotor, que aproximou-se dele apenas para aprender a técnica de assassinato que o mesmo utiliza e, assim como Dexter, escapar impune após cometer tal crime. Após descobrir que Miguel havia matado Ellen Wolf, Dexter o confronta:

Miguel: Dex, essa é a natureza de uma real amizade. Nós vamos discordar, e quando o fizemos, nós iremos seguir nossos próprios caminhos.

Dexter: Não, não teremos mais projetos individuais.

Miguel: Individualidade é que faz da América um ótimo lugar, cara.

Dexter: Eu não acho que era isso que nossos ancestrais tinham em mente (DEXTER, 2008, 3x09, tradução nossa).

Dexter mostra-se extremamente enfurecido com a atitude de Miguel:

Hoje eu irei manter as aparências. Mas logo, logo, talvez amanhã, Miguel saberá exatamente como eu me sinto. Porque finalmente eis uma emoção que eu não tenho que fingir. Hoje eu sinto algo real (DEXTER, 2008, 3x09, tradução nossa).

Considerando o que poderia fazer para reverter a situação onde se encontra, sentindo-se traído e usado, o analista de manchas de sangue reflete: “Opção número dois – retirá-lo da minha vida. Mas não é tão simples assim, ele me ensinou a jogar golfe, eu o ensinei a matar” (DEXTER, 2008, 3x10, tradução nossa)

Quando percebe que Miguel Prado havia convencido o *serial killer Skinner* a matá-lo em troca de escapar da polícia, Dexter aceita que o mesmo não possui consideração alguma por ele, e decide parar de poupá-lo do destino que ele merecia: Miguel havia matado alguém inocente, tornando-se assim uma potencial vítima de Dexter, segundo seu Código. Porém, antes de matá-lo, o seguinte diálogo se dá entre eles:

Dexter: O que você disse no seu discurso na minha despedida de solteiro? Amigos são sempre honestos.

Miguel: Amigos perdoam.

Dexter: Porém, eu não perdoou você. E eu não posso ter amigos.

Miguel: Eles mereceram. Eu não sou como eles.

Dexter: Você é. Admita.

Miguel: Eu sou como você.

Dexter: Não. Não, não, não, não. Eu sei que sou um monstro.

Miguel: Eu aceito você, Dexter. Eu aceito você como um irmão.

Dexter: Eu matei o meu irmão. E matei o seu também (DEXTER, 2008, 3x11, tradução nossa).

Dexter mata Miguel Prado, decepcionado consigo mesmo, por não ter percebido que não havia real amizade entre os dois, apenas falsidade por parte do promotor. A partir desta frustrada experiência de amizade e confiança, Dexter conforma-se em continuar escondendo sua verdadeira essência, como já faz há anos.

Além da trama envolvendo Miguel Prado na terceira temporada, Dexter descobre que sua namorada está grávida, e a pede em casamento. O último episódio mostra a cerimônia de seu casamento, na qual Dexter aparece com um gesso que esconde um ferimento na mão causado pelo conflito que teve com o *serial killer Skinner* momentos antes. A última cena mostra Dexter e Rita dançando valsa, enquanto uma gota de sangue dele cai no vestido branco dela. Podemos considerar tal cena como um símbolo do início da nova etapa da vida de Dexter, na qual passa a ter uma família por ele constituída, e o quanto a emergência de seu lado sombrio pode “manchar” a convivência com a esposa e os filhos.

A quarta temporada, ainda em andamento, inicia-se mostrando Dexter desempenhando um novo papel: marido, pai de família, morando no subúrbio. Com a nova situação de vida, sua rotina foi modificada – passa noites em claro por conta do bebê, vive em um ambiente barulhento e desorganizado, e praticamente não encontra momentos onde possa ficar sozinho para dedicar-se à sua atividade extra-curricular. Mantém recorrentes diálogos com a imagem de Harry, o pai falecido, nos quais é sempre questionado por ele se dará conta da tarefa de responsabilizar-se por aquela família, e manter seu segredo a salvo: “Você está fazendo malabarismo com sua família, trabalho e seu Passageiro Sombrio, que mantém sempre uma mão no volante” (DEXTER, 2009, 4x02, tradução nossa).

Mesmo com as dificuldades que passa desde que se casou há seis meses (erro durante um julgamento que culminou na liberação de um assassino; acidente de carro após ter dormido ao volante; amnésia decorrente do acidente e os momentos de terror que passou ao não encontrar o corpo de sua vítima onde julgou ter deixado), Dexter, ao dialogar com uma vítima que matou sua própria família por sentir-se sufocada pelas constantes pressões, conclui que prefere arriscar ser descoberto por sua família a perdê-los.

Zoe: Olhe só para você... que tipo de pai faz isso? Que tipo de marido?

Dex: Não o tipo que mata a própria família...

Zoe: Você terá que escolher...

Dex: Não o que você escolheu.

Zoe: Você não pode esconder o que você é.

Dex: Ah, eu posso. Sou melhor nisso do que você.

Zoe: Você irá escolher sua vida ao invés das deles.

Dex: Eu não irei. Eu prefiro arriscar que eles saibam a verdade... à perdê-los... Uau... eu não quero perdê-los. Eu não quero. Essa é a diferença entre nós (DEXTER, 2009, 4x04, tradução nossa).

Aqui, mais uma vez, Dexter é tomado por uma forte emoção ao descobrir em si um sentimento genuíno, algo que não precisa fingir. Mesmo com todas as adversidades, com o fato de ter aberto mão de sua solidão em prol de ser pai de seu filho biológico e dos filhos da esposa, Dexter nos transmite a idéia de que, para ele, tais sacrifícios valem à pena.

Algo que surgiu recentemente foi o contato de Rita com um lado da sombra de Dexter: o fato do marido ter mentido para ela, em diversos aspectos (sobre a gravidade do acidente de carro que sofreu e ao dizer a ela que tinha aberto mão de seu apartamento de solteiro quando de fato não o fez). Apesar de ter justificado suas mentiras para a esposa ao ser confrontado, ele admitiu ter mentido - algo bastante significativo, já que sua persona nunca permitiu que características sombrias fossem colocadas na sua relação com as pessoas próximas a ele. Porém, Rita não o perdoa, comentando: "A coisa mais perturbadora sobre você mentir é que eu estou começando a perceber o quanto você é bom nisso" (DEXTER, 2009, 4x05, tradução nossa).

Penso que, no decorrer da temporada atual, o personagem continuará a passar por experiências que o farão questionar suas verdades, seu modo organizado e perfeccionista de agir com tudo premeditado, de forma que as características já cristalizadas dêem lugar às novas descobertas.

A mudança das características do personagem ocorrida no decorrer das temporadas é refletida nas imagens promocionais lançadas previamente à estréia de cada uma delas:

Em um dos pôsteres da primeira temporada, vemos somente o tronco e o rosto de Dexter, que tem seu queixo segurado por uma mão morta, branca e, aparentemente, fria. Sua expressão facial é séria, fechada, distante.



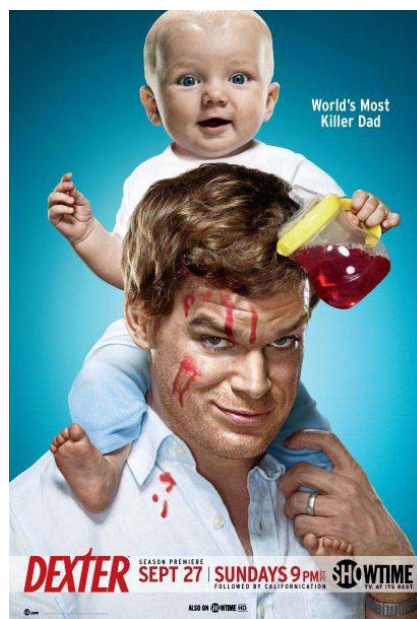
Em uma das imagens da segunda temporada, vemos Dexter cercado por fãs e pela imprensa, andando por um tapete vermelho feito de sangue, separado do público pela fita de isolamento utilizada em cenas de crime. Seu rosto demonstra um singelo sorriso.



Em uma das imagens da terceira temporada, Dexter aparece novamente sozinho, vestindo um terno de cor sombria (cinza) e uma gravata amarela onde lê-se “Não atravesse” (tradução nossa), como na fita de isolamento – curiosamente, a gravata/faixa está localizada na região do coração, podendo remeter a um isolamento emocional. A expressão facial mostra-se serena. Outras imagens promocionais da mesma temporada mostram Dexter em capas de diferentes revistas americanas de grande porte, onde o fato de escapar impune após cometer assassinatos é exaltado pelas manchetes.



Já na quarta temporada, as imagens passaram a focar a imagem de Dexter como pai. Em uma delas, aparece com seu bebê nos ombros, manchado de suco vermelho, com a frase: “O pai mais matador do mundo” (tradução nossa). Em outra imagem parecida, ainda com o bebê nos ombros, lemos “Ser pai nunca matou ninguém” (tradução nossa). Há também um pôster que coloca o foco na família constituída recentemente pelo personagem, onde vemos Rita com o bebê Harrison no colo, enquanto Dexter prepara um cachorro- quente e suja-se de ketchup.



A progressão das imagens, assim como a série, demonstra a evolução do protagonista com relação a seu relacionamento com as pessoas que o cercam: de início, extremamente preocupado com a ocultação de seu lado sombrio, era enrijecido – apenas imitava determinadas emoções, de forma que sua sobrevivência em meio aos demais fosse possível. Com o passar do tempo e desenrolar da trama, vemos um Dexter ainda distante em certos momentos, mas consideravelmente mais aberto às vivências e relações humanas tão básicas na vida dos seres humanos. Podemos inferir que sua persona foi modificada de forma a permitir que o ego se expressasse mais livremente, acessando e incorporando aspectos sombrios, essencialmente genuínos. A escolha por parte dos produtores da série em veicular, primeiramente, imagens onde o protagonista aparece sendo “segurado” por uma mão morta e fria e, posteriormente, o colocam segurando um bebê cheio de vida, também nos aponta para a intenção que a mídia envolvida teve em, aos poucos, mudar a visão que o público tinha do analista de manchas de sangue.

O sucesso obtido pela série é considerado pelos críticos como advindo da identificação do público com o protagonista, já que todos nós temos um lado sombrio com o qual temos que lidar. Penso que o mecanismo de projeção nos

ajude a compreender tal identificação: como é muito difícil admitir que possuímos características e pensamentos negativos, vê-los em um terceiro (seja um personagem, seja alguém do nosso cotidiano) age como um facilitador: podemos entrar em contato com aspectos mal-vistos pela sociedade em que vivemos como se fossem algo externo, que não fazem parte de nós. A respeito disso, Zweig e Abrams (1998) afirmam:

A projeção também pode ajudar a explicar a imensa popularidade dos filmes e romances de terror. Através de uma representação simbólica do lado da sombra, nossos impulsos para o mal podem ser encorajados, ou talvez aliviados, na segurança do livro ou da tela. (p.19-20)

Mesmo que o grande público não possua uma “segunda vida”, como Dexter Morgan, onde travem batalhas sangrentas com os demônios da sociedade, identificam-se com o analista de manchas de sangue, pois cada um de nós tem seus próprios demônios com os quais precisa se confrontar em certo momento da vida. Por isso, mesmo que seja um criminoso, Dexter Morgan tornou-se adorado por milhares de telespectadores, que vêem nele alguém perturbado pela árdua tarefa de viver entre o bem e o mal.

7 DISCUSSÃO

Ao analisarmos o personagem Dexter Morgan, podemos notar que o mesmo possui determinadas características consideradas como típicas de um psicopata. Além do protagonista da série que serviu de objeto de estudo do presente trabalho, encontramos indivíduos semelhantes em diversos segmentos do mundo atual, seja na indústria de entretenimento (filmes, livros, seriados, novelas, etc.), seja no nosso cotidiano, através de relatos de terceiros ou por situações que estão nos noticiários. Porém, nem todos os indivíduos apresentados como psicopatas o são de fato. Hare (1999), no prefácio de seu livro *Without Conscience: the disturbing world of the psychopaths among us*, afirma:

Nos anos atuais, houve uma dramática explosão na exposição do público às maquinações e depredações dos psicopatas. Os noticiários estão repletos de crimes violentos, escândalos financeiros e violações da confiança pública. Inúmeros filmes e livros contam as histórias de *serial killers*, impostores, e membros do crime organizado. Ainda que muitos desses sejam psicopatas, muitos outros não o são, e essa importante distinção é frequentemente perdida nos noticiários, indústria do entretenimento, e no público em geral (p. xi, tradução nossa).

Segundo o autor, a diferenciação entre psicopatas e não psicopatas, mesmo que extremamente complexa, se faz necessária, na medida em que a probabilidade de encontrarmos pessoas portadoras da síndrome em nossas vidas é alta: somente na América do Norte, existem ao menos 2 milhões de psicopatas. Como apresentado no decorrer do presente trabalho, é equivocado pensar que os psicopatas criminosos somente cometem crimes sangrentos e extremamente violentos – muitos agem de forma meticulosa, enganando, coagindo e manipulando suas vítimas sutilmente, de forma que só percebem o estrago que tais pessoas causaram em suas vidas quando essas estão longe, preparando-se para o próximo golpe.

Sendo assim, Hare (1999) comenta: “Para seu bem-estar físico, psicológico e financeiro, é crucial que você saiba como identificar um psicopata, como se proteger, e como minimizar os danos causados a você” (p. xii, tradução nossa). Porém, para que a sociedade esteja apta a identificar um

psicopata, é necessário que a mesma saiba como fazê-lo: acredito que a difusão de figuras psicopáticas no mundo do entretenimento ajude nesta tarefa.

O fascínio do público por personagens sombrios cresce cada vez mais, o que faz com que o número de produtos com tal temática aumente ano após ano. “A segurança da sala escura do cinema [...] nos permite apreciar, com uma consciência sutil, prazeres agressivos e sexuais sem aparente custo” (Intrator *apud* HARE, 1999, p. 80, tradução nossa). Mesmo que não seja este o objetivo, com a difusão de tais obras, os indivíduos que as consomem, além de entrar em contato com algo que está dentro deles próprios, podem conscientizar-se a respeito da existência de tais pessoas na sociedade onde vivem, tornando-se mais precavidos e cautelosos em suas relações.

Através da teoria de Guggenbühl-Craig (1980), pudemos entrar em contato com aquilo que este chama de invalidez de Eros. Mesmo que todos nós sejamos inválidos em algum aspecto de nossas vidas, já que o arquétipo do Inválido se expressa de diversas formas, aceitar que existam pessoas que possuam uma total ausência da capacidade de amar – representada por Eros – é extremamente difícil, ainda que indivíduos com tal característica sejam raros de encontrar.

O autor afirma que a psicopatia nos força a refletir a respeito das seguintes questões:

Como é possível que tantos indivíduos não possuam aquilo que dá sentido à vida? Por que existem pessoas cuja invalidez se expressa em uma área que é extremamente humana? Por que algumas pessoas não possuem qualquer senso de Eros ou apenas em um sentido limitado? (GUGGENBÜHL-CRAIG, 1980, p. 122, tradução nossa)

Lidar com a psicopatia é lidar com o diferente – aceitar que não somos todos iguais; que há coisas que não são e nunca serão. Por isso, o tratamento de tais indivíduos, baseado nos mesmos moldes que o tratamento de indivíduos “normais”, se mostra ineficaz: como tentar transformar alguém em algo que não é, e não possui potencialidade para ser?

No decorrer do trabalho, as seguintes questões foram suscitadas: Por que não podemos aceitar a existência do oposto? Por que precisamos acreditar que todos possuímos a mesma essência, para só assim podermos fazer nosso trabalho enquanto psicólogos?

Em entrevista à Revista Veja, Hare (2009) comenta a respeito de um estudo que está prestes a publicar, acerca de um novo modelo de tratamento para psicopatas. Tal modelo tem por objetivo a redução de danos, não almeja mudar a essência de tais indivíduos:

Trata-se de um modelo mais afeito à escola cognitiva, em que os pacientes são levados a compreender que até podem fazer algo que desejem, sem que isso seja ruim para os outros. Não vai mudá-los, mas talvez possa atenuar as consequências de suas ações. É um tratamento com ambições relativamente modestas – tem por objetivo a redução de danos. (VEJA, 2009, p.18)

Acredito que o objetivo do modelo apresentado por Hare seja válido, mas,

para que a sociedade esteja apta a influenciar as atitudes e comportamentos de uma pessoa, esta deve querer pertencer à sociedade. O ego deve estar motivado para aceitar as características e os papéis da persona que a sociedade requer e oferece pois, caso contrário, serão pura e simplesmente evitados. Não haverá identificação de nenhuma espécie. Um acordo deve ser estabelecido entre o indivíduo e a sociedade para que a formação da persona se firme e se consolide. Se assim não for, o indivíduo viverá uma vida isolada às margens da cultura, para sempre uma espécie de adolescente inquieto e ansioso num mundo adulto. (STEIN, 2006, p. 106)

Assim, para que qualquer tipo de intervenção funcione, é necessário que os indivíduos em questão estejam dispostos a viver em sociedade, reconhecendo que, para isso, precisam aceitar que certos comportamentos que eles vêem como naturais, não o são, e que viver em meio ao coletivo implica abdicar de certos impulsos e vontades.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho dedicou-se à análise simbólica do personagem Dexter Morgan através de teorias acerca da psicopatia, persona e sombra. No decorrer do trabalho, pudemos não somente compreender o personagem em si, mas também hipotetizar a respeito da difusão de figuras com características sombrias na sociedade atual.

Quando optei por estudar os temas psicopatia e *serial killers*, me deparei com uma escassa literatura de base psicológica a respeito dos mesmos – a grande maioria dos estudos vem de autores com base psiquiátrica, ou até mesmo de teóricos provenientes de outras áreas do conhecimento. Acredito que estudos futuros advindos da psicologia sobre tais temas sejam necessários, de forma a acrescentarem novos pontos de vista e perspectivas de análise às maneiras atuais de abordagem.

O crescente interesse do público, principalmente leigo, em figuras de caráter duvidoso, más e sombrias nos levou a questionarmos o porquê da necessidade de se consumir este tipo de mídia. O aumento de trabalhos dedicados ao tema nos demonstra que este é extremamente atual, abrindo novas possibilidades de pesquisa.

Acredito que os resultados da pesquisa tenham sido satisfatórios, de forma que a análise do protagonista da série escolhida nos levou além, a refletir não somente sobre um indivíduo único, mas também acerca de fatos do nosso cotidiano enquanto pertencentes a uma sociedade que possui seus bodes expiatórios, considerados receptáculos do mal; e a influência que este tipo de pensamento tem na cultura de massa.

REFERÊNCIAS

AMERICAN FILM INSTITUTE. *100 greatest heroes & villains*. Disponível em <<http://www.filmsite.org/afi100heroesvilla.html>>. Acesso em 25 fev. 2009

ASSOCIAÇÃO PSIQUIÁTRICA AMERICANA. *DSM-IV: Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais*. Porto Alegre: Artes Médicas, 2002.

BONFIM, Edilson Mougnot. *O julgamento de um "serial killer": O caso do maníaco do parque*. São Paulo: Malheiros, 2004.

BYINGTON, Carlos. *Estrutura da Personalidade: Persona e Sombra*. São Paulo: Ática, 1988.

CASOY, Ilana. *Serial Killer: Louco ou cruel?* São Paulo: Ediouro, 2008.

CLECKLEY, Hervey. *The Mask of Sanity*. Saint Louis: Mosby, 1976.

DEXTER: primeira temporada completa. Criação de James Manos Jr. São Paulo: Paramount Pictures, 2008. 4 DVDs. 12 episódios. (cada episódio com aproximadamente 50 minutos)

DEXTER: segunda temporada completa. Criação de James Manos Jr. São Paulo: Paramount Pictures, 2009. 4 DVDs. 12 episódios. (cada episódio com aproximadamente 50 minutos)

DEXTER: the complete third season. Criação de James Manos Jr. Califórnia: Paramount Pictures, 2009. 4 DVDs. 12 episódios. (cada episódio com aproximadamente 50 minutos)

DUARTE, Juliana G. *Vitimizador ou vítima?: Uma análise da psicopatia segundo a visão da Psicologia Analítica*. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2003.

GUGGENBÜHL-CRAIG, Adolf. *Eros on Crutches: Reflections on Psychopathy and Amoralidad*. Texas: Spring, 1980.

HARE, Robert D. Psicopatas no Divã. Entrevista à *Revista Veja*, edição 2106, ano 42, nº 13, p. 17-18. São Paulo, 01 de abril de 2009.

HARE, Robert D. *Without Conscience: the disturbing world of the psychopaths among us*. New York: The Guilford, 1999.

HENRIQUES, Rogério. *De H. Cleckley ao DSM-IV-TR: a evolução do conceito de psicopatia rumo à medicalização da delinquência*. Rio de Janeiro, 2003. Disponível em

<http://www.fundamentalpsychopathology.org/8_cong_anais/PST_514.pdf>.

Acesso em 17 maio 2009.

JUNG, Carl Gustav. *Aion - Estudos sobre o simbolismo do si-mesmo*. OC Vol IX/2. Rio de Janeiro: Vozes, 1976.

MARTHE, Marcelo. Chico Picadinho. *Revista Veja*, São Paulo, 15 out. 2008. Disponível em <http://veja.abril.com.br/151008/p_182.shtml>. Acesso em 27 fev. 2009.

MORANA, Hilda C. P.; STONE, Michael H.; ABDALLA-FILHO, Ellias. Transtornos de Personalidade, Psicopatia e Serial Killers. Revista Brasileira de Psiquiatria, v.28, supl. II, p. S74-S79, 2006.

NEWTON, Michael. *Enciclopédia de Serial Killers*. São Paulo: Madras, 2005.

OLIVEIRA, Luísa. *Coisas de menina: análise simbólica da personagem Buffy - a caça vampiros*. Dissertação. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2007.

Organização Mundial de Saúde. *Classificação de transtornos mentais e de comportamento da CID-10: descrições clínicas e diretrizes diagnósticas*. Porto Alegre: Artmed, 1993.

PENNA, Eloisa M. D. O paradigma junguiano no contexto da metodologia qualitativa de pesquisa. *Psicol. USP*, v.16, n.3, p.71-94. São Paulo, 2005.

SCHWARTZ-SALANT, Nathan. *Narcisismo e Transformação de Caráter*. São Paulo: Cultrix, 1992.

STEIN, Murray. *Jung: O mapa da alma, uma introdução*. São Paulo: Cultrix, 2006.

VON FRANZ, Marie-Louise. O processo de individuação in JUNG, Carl Gustav (org). *O homem e seus símbolos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

VON FRANZ, Marie-Louise. *A sombra e o mal nos contos de fada*. São Paulo, Paulinas: 1985.

WHITMONT, Edward C. *Retorno da deusa*. São Paulo: Summus, 1991.

ZWEIG, Connie; ABRAMS, Jeremiah (org). *Ao encontro da sombra. O potencial oculto do lado escuro da natureza humana*. São Paulo: Cultrix, 1998.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE
CURSO DE PSICOLOGIA

VIVIAN GUIDA LUCENA DE OLIVEIRA

O passageiro sombrio:
Análise de um *serial killer* sob a luz da Psicologia Analítica

SÃO PAULO
2009